

Esteja a Gosto!



Viajando pela Costa do Cacau em Literatura e Fotografia

Maria de Lourdes Netto Simões (Org.)



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Alexandre Munhoz

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Décio Tosta Santana

Dorival de Freitas

Roque Pinto da Silva Santos

Fernando Rios do Nascimento

Francolino Neto

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo dos Santos Terra

Reinaldo da Silva Gramacho

Jaênes Miranda Alves

Samuel Leandro Mattos

Maria de Lourdes Netto Simões (Org.)

Estagiários de Iniciação Científica: Aline de Caldas Costa, Dyala Ribeiro da Silva, Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho

Esteja a Gosto!

Viajando pela Costa do Cacau em Literatura e Fotografia


Editora da UESC

2007

©2007 by MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES
1ª edição: 2007

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA

ALINE DE CALDAS
SAUL MENDEZ

REVISÃO

MARIA LUIZA NORA

FINALIZAÇÃO

ALENCAR JÚNIOR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E79 Esteja a gosto! viajando pela costa do cacau em literatura e
fotografia / Maria de Lourdes Netto Simões
(org.) – Ilhéus : Editus, 2007.
159p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 85-7455-111-2

1. Bahia (Região cacauzeira) – Descrições e viagens. 2. Bahia
(Região cacauzeira) – História. 3. Turismo - Bahia (Região
cacauzeira). 4. Cacau - Atlântico, Oceano, Costa (Bahia, Sul) –
Municípios. 5. Escritores baianos-Biografia. I. Simões, Maria
de Lourdes Netto. II. Título.

CDD – 918.142

SUMÁRIO

“VIAGEM”/VIAGENS	06
O PERCURSO DA CAMINHADA: A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
CAMPO	23
ENTRE CAMPO E CIDADE	69
CIDADE	93
REFERÊNCIAS	145
Biografias dos autores antologados	147
Referências dos autores antologados	152
Produção científica da equipe	155
<i>Websites</i> produzidos	158
Referências teóricas	159

"Viagem"/Viagens

*Viajar é preciso
e viver para contar a história.*

Henrique Simões

*É preciso guardar esse instante, o homem pensou
então. Guardar, pelo menos, o contorno desse
instante. E foi ao carro apanhar a
máquina fotográfica.*

Hélio Pólvora

“VIAGEM”/VIAGENS

O patrimônio literário e cultural da Região Sul-baiana, e o seu ambiente natural de especial beleza potencializam-na para o turismo. Situada na Mata Atlântica remanescente, local de uma das maiores biodiversidades do planeta, é possuidora de cultura pujante e singular, fruto da hibridização das etnias indígena, branca e negra, posteriormente enriquecida pelos trânsitos de viajantes, dentre os quais merece ressaltar a cultura sírio-libanesa.

Historicamente integrada ao cenário do berço do Brasil, abriga algumas das primeiras capitânicas hereditárias. Nessa Região, a Costa do Cacau (FIG. 01) abrange a área da antiga Capitania de São Jorge dos Ilhéus, hoje integrada por sete municípios: Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Uruçuca, Una, Canavieiras e Santa Luzia (PRODETUR, 2003). Está localizada entre a Costa do Descobrimento (Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia, Belmonte, Eunápolis) e a Costa do Dendê (Camamu, Valença, Cairu, Ituberá, Nilo Peçanha, Taperoá, Maraú).

A forte cultura do cacau - que prevalece no centro da Região - justifica a denominação de Costa do Cacau, na classificação das costas turísticas do Estado da Bahia. Dentre os municípios integrantes dessa Costa, Ilhéus e Itabuna constituem-se o coração do território também denominado de grapiúna. O primeiro município, por seu potencial histórico e natural, impõe-se para o turismo; o segundo, destaca-se como centro econômico e comercial, além de eixo rodoviário regional, atravessado pela BR 101 e BA 415.

Na Costa do Cacau, a cultura é singular e rica de história e tradições; a natureza é pujante, o verde policromático da mata é surpreendente e, na sua orla (Ba 001), as praias primam pela beleza ainda agreste e por sua água cálida, que são convite ao turista.

Os bens simbólicos que traduzem a singular cultura da micro-Região Sul-baiana sinalizam a sua identidade, referenciada pela literatura dessa também chamada Região do Cacau, que goza de especial destaque no cenário da Literatura Brasileira pela plêiade de escritores que apresenta, dentre os quais se destaca Jorge Amado, tomado como referência internacional.

Todo esse contexto arrebatador justificou a realização da pesquisa que resultou nesta publicação, cujo objetivo é contribuir para a visibilidade regional, oferecendo uma amostra cultural e natural de interesse turístico, em linguagem literária e fotográfica.

Assim, este livro quer ser, um convite. Um convite a você, leitor, para conhecer uma cultura singular; paisagens e costumes diferentes. E ficar *querendo mais...*
Esteja a gosto!

ML Netto Simões

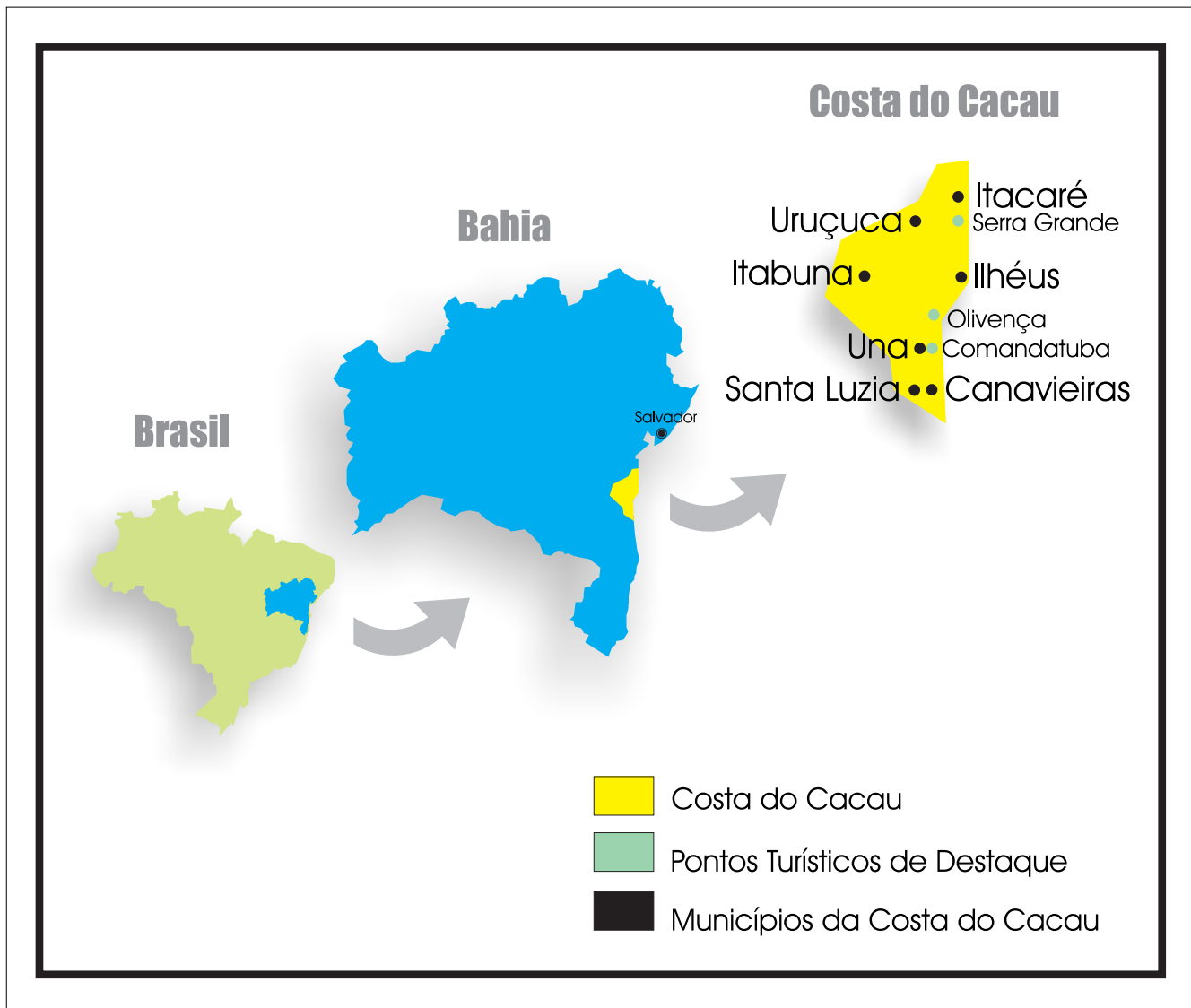


Figura 01: Costa do Cacau

O percurso da caminhada: a realização da pesquisa

*O tempo da escritura é finito,
Porém o tempo da leitura é
infinito.*

Carlos Fuentes

O PROJETO

- **Introdução**

A pesquisa foi desenvolvida no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (Bahia - Brasil).

O projeto partiu da hipótese de que o *efeito* da literatura sobre o seu leitor pode ser suscitar do interesse pela cultura local e provocador de viagem, promovendo o trânsito do espaço ficcional ao espaço real, transformando leitores em turistas. Buscando afirmar a idéia, a pesquisa tomou a literatura como mapeamento de viagem, em consideração dos aspectos: desterritorialização e turismo; culturas híbridas, questões identitárias e interesse turístico. Refletiu sobre a concepção de viagem, a resignificação do termo e sua relação com o turismo em consideração ao contexto globalizado. Pensou a relação entre leitor e turista, face ao bem simbólico literário e sua relação com o espaço visitado. Focou a Costa do Cacau da região Sul-baiana, entendendo-a como pólo cultural para o turismo sustentado, e tendo em conta a recepção da sua literatura.

Culminou com esta edição antológica integrada por textos mapeadores de bens simbólicos, interpretáveis num *corpus* literário; e fotografias de bens simbólicos reconfigurados e/ ou resignificados, interpretáveis num *corpus* fotográfico. Este produto pretende contribuir para trazer para a cena nacional e internacional autores regionais, suscitando o interesse do leitor ficcional e estimulando o fluxo de um turismo cultural, respeitador das culturas locais.

- **Definição dos caminhos: a fundamentação teórica**

A pesquisa tomou a Literatura de uma perspectiva culturalista, entendendo-a como bem simbólico - “um mapa em relação aos territórios que topografa” (ISER, 1996, p. 304) -, mapeador da cultura local e, por sua *diferença* (BHABHA, 1998; HALL, 2000) em relação com os objetos que designa, suscitadora do trânsito turístico de leitores do contexto globalizado (SIMÕES, 2002).

A fotografia – concebida como “ícone indicial” (SCHAEFFER, 1996) e, portanto, como traço do real – dialoga com a linguagem literária quando, ocupando-se de um momento, registra e revela imaginários.

O turismo, eixo articulador da intersecção entre o global e o local, é interpretado como ação de trânsito e viagem, forma de encontro de culturas, que interfere nas identidades locais e possibilita reconfigurações de imaginários (Cf. SIMÕES, 2004).

Para o recorte teórico pretendido, os discursos literário e fotográfico constituíram-se, assim, em um domínio de recorrente projeção e temas, de valores, de tensões e de sentidos ideológicos diretamente atinentes às questões do nacionalismo e de problematizações identitárias.



ML Netto Simões

A pesquisa recortou o seu foco de análise na *diferença*, identificada nos bens simbólicos dos quais a literatura regional se ocupa, bens simbólicos esses situados na cidade, no campo, nas águas; bens materiais: arquitetônicos e naturais; e bens imateriais: costumes, mitos, culinária, crenças, festas, expressões artísticas. Ao fazê-lo, considerou a importância da recepção dessa literatura, inclusive o fato da obra do ficcionista Jorge Amado ter sido alvo de adaptações em linguagem televisiva, cinematográfica e teatral; e, por sua recepção, ultrapassar fronteiras locais e nacionais, ganhando leitores de múltiplas nacionalidades, que visitam a região através do imaginário ficcional e, depois, motivados por essa mesma literatura, tornam-se turistas - transformando-se, portanto, de leitores-turistas em turistas-leitores (SIMÕES, 2002).

Considerando que o potencial literário regional não se restringe à obra amadiana, como forma de ampliar as perspectivas de focos da cultura local, outros imaginários ficcionais foram considerados, buscando o enriquecimento e a complementaridade, numa perspectiva intersubjetiva e comunicacional (GUMBRECHT, 1998; ISER, 1996). Além disso, foram consideradas as principais questões culturais, éticas e étnicas da contemporaneidade (GUATTARI,

2001; CANCLINI, 1977; SAID, 1997), relacionadas aos trânsitos e fluxos culturais, bem como refletir sobre as tensões entre cultura global e *diferença* regional, que atestam a resistência dos imaginários regionais e dos culturas híbridas.

O discurso fotográfico, outra linguagem reveladora do imaginário em questão, ao dialogar com o discurso literário ratifica-o ou atualiza-o, através de tomadas dos bens simbólicos ressignificados e ou reconfigurados (SIMÕES, 2002). O diálogo entre as linguagens é entendido como intersubjetivo, já que a fotografia oferece ao leitor a visibilidade do bem simbólico referido pela literatura, atualizando-o uma vez que se ocupa do tempo presente.

Com base em tais reflexões, a identidade cultural da Costa do Cacau da região Sul-baiana foi potencializada, buscando ampliar a recepção da sua literatura e, assim, contribuir para o fluxo turístico.

- **Os passos da caminhada: o processo da pesquisa**

- Fase I: estudo da fundamentação teórica

Foram privilegiadas as práticas comparatistas, através de uma abordagem multidisciplinar, de caráter comunicacional e multicultural; em atenção ao que a cultura regional e sua literatura suscitaram, foram traçadas as estratégias metodológicas. Inicialmente, foi realizada reflexão sobre viagem enquanto trânsito de turismo cultural, fazendo o *link* entre local / global e tendo em vista um turismo cultural sustentado. O propósito disso foi consolidar uma base teórico-crítica, que deu sustentação à definição do *corpus* e dos aspectos observados na análise dos materiais.

Em seguida, a idéia de viagem foi relacionada ao interesse cultural, suscitador do local a ser visitado. Literatura e fotografia foram teoricamente abordadas a fim de sustentar a seleção e construção das linguagens que iriam formar o tecido antológico.

- Fase II : estudo do acervo literário Sul-baiano

Ao partir do lugar cultural (transnacional como tradutório), a pesquisa ocupou-se do texto literário que habita a ambiência dos sabidos problemas de articulação e convivência. Ao ressaltar a literatura Sul-baiana como foco da pesquisa, considerou ser a região celeiro de pujante expressão literária. Tomando como critério o grau de recepção nacional e internacional da obra, partiu da produção ficcional de Jorge Amado. Em seguida, na consideração das outras vozes literárias, acrescentou o acervo inicial de tantos autores regionais, quantos foi possível identificar dentre os publicados. Desse acervo, foram selecionados aqueles escritores cuja obra referisse bens simbólicos identificadores dos patrimônios cultural e natural da região foco da pesquisa. Nessa produção, foram identificados bens simbólicos materiais e/ou imateriais para, afinal, ser firmado o *corpus* antológico: Adonias Filho, Cyro de Mattos, Euclides Neto,

Clodomir Xavier de Oliveira, Genny Xavier, Hélio Pólvora, Jane Kátia Mendonça, Jorge Araújo, Jorge Amado, Jorge Medauar, José Delmo, Ramon Vane, Ritinha Dantas, Ruy Póvoas, Sosígenes Costa, Telmo Padilha, Valde-lice Pinheiro. A esses autores contemporâneos, foi acrescentado Pero Magalhães Gândavo, texto de 1600, por ser texto fundador sobre a imagem da história da Região.

A literatura, sinalizadora dos bens simbólicos que ressaltam da identidade cultural local, foi re-lida como mapeadora dos referentes da linguagem fotográfica a ser construída.

o Fase III: a definição do *corpus* literário e fotográfico

Para a seleção antológica, foram buscados os fragmentos da literatura Sul-baiana, suscitadores do interesse por viagem, porque reveladores de aspectos culturais singularizadores do território e da cultura. O *corpus* foi estabelecido considerando a sua expressão e a referência aos bens simbólicos, relacionados a costumes locais, referências artísticas, crenças, paisagens. Foram identificados aspectos sinalizadores da identidade cultural e referenciadores do possível interesse do leitor turista.

Definido o *corpus*, foi realizado o registro fotográfico dos cenários urbano e rural, em atenção aos bens simbólicos sinalizados num tempo ficcionalizado e, agora, em tempo presente, ressignificados e /ou reconfigurados. Considerada essa questão temporal (já que um bem simbólico não se encontra, necessariamente, no tempo presente real como referido no tempo do enunciado ficcional), dentre os bens simbólicos a serem fotografados, foram selecionados tematicamente os do patrimônio cultural (o arquitetônico, e os relacionados a costumes, crenças, culinária etc) e do natural, ligados à mata e à água (lagoas, rios e mar).



Aline de Caldas

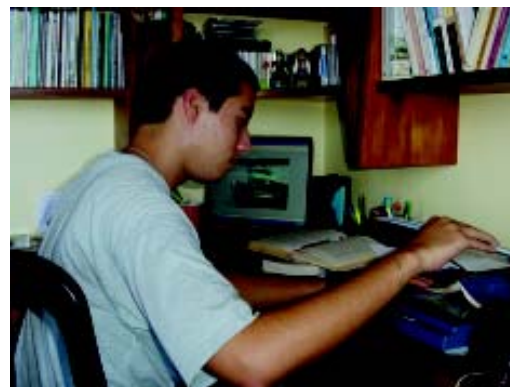
No registro fotográfico, foi observado que materiais identificados no texto literário sofreram reconfigurações e ressignificações, ou simplesmente desapareceram por falta de preservação. Nos dois primeiros casos, as reconfigurações ou ressignificações ocorreram, por vezes, pela natural dinamicidade das identidades; por outras, porque os referidos bens simbólicos foram transformados em produto turístico; e, algumas outras vezes, estavam mutilados, depredados.

Os registros fotográficos foram todos de autoria da equipe da pesquisa. Assim, se para a seleção dos textos literários foram tomados os autores representativos da região, para a seleção do texto fotográfico foram consideradas as fotografias que dialogassem com o *corpus* literário. Se os textos foram de autores regionais, as fotografias foram de autoria da equipe da pesquisa. No entanto, no transcurso da pesquisa, na produção de resultados parciais em forma de artigos científicos, quando houve necessidade de evidenciar a dinâmica das identidades relacionadas a alguns bens simbólicos reconfigurados, foram tomadas fotografias antigas, cedidas por museus ou centro de documentação (CEDOC/UESC), mas, nesses casos, essas fotografias receberam tratamento, visando à qualidade da sua visibilidade.

A pesquisa ocupou-se da obra literária de 23 autores regionais. Levantou um total de 266 fragmentos literários e 1804 registros fotográficos, em primeira mão, todos eles tomados no período de 2004-2005. Desse *corpus*, foram antologados 19 escritores; selecionados 84 fragmentos literários e 138 fotografias.

- Fase IV: a montagem da antologia

A opção do perfil do trabalho foi de uma antologia temática suscitadora do interesse de leitores, potenciais turistas. Atentando para isso, foi dispensada especial atenção às especificidades da linguagem (CALVINO, 1988), especialmente àquelas relacionadas a *visibilidade e leveza* - por isso, a proposição semiótica de cenas culturais e paisagens Sul-baianas, através das linguagens literária e fotográfica.



Saul Mendez

Dentre fragmentos selecionados, a análise dos textos e a definição do *corpus* foram procedidas com base na recolha realizada e nos critérios estabelecidos. Com base nesses materiais e critérios, foi definida a estrutura da antologia em três partes: campo, entre campo e cidade, cidade.

Naturalmente que o número de textos estudados de cada autor do *corpus* não esteve somente relacionado aos critérios do trabalho mas, necessariamente, à ocorrência da sua produção autoral. Dessa forma, fica óbvia a razão da predominância de Jorge Amado em relação aos fragmentos selecionados.

Na antologia, muitas vezes, as fotografias fazem a atualização do texto literário em relação ao bem simbólico. Outras vezes, o texto fotográfico acrescenta paisagens não mencionadas no texto literário, mas consideradas de interesse turístico. Nesse caso, nas separatrizes de cada parte, a linguagem fotográfica procurou complementar a linguagem literária.

Na apresentação dos textos literários, a citação limitou-se à indicação de autoria; ainda em atenção à leveza, as referências completas foram levadas para um quadro sinótico, que se encontra na parte final do trabalho. O mesmo critério foi assumido para os dados biográficos dos autores antologados e para os textos críticos produzidos pela equipe - resultados parciais, publicados ou apresentados em congressos, ao longo da realização da investigação. Esses materiais querem ser complementares; objetivam oferecer aos leitores informações adicionais e esclarecedoras sobre o *corpus* e sobre o processo do trabalho.

- **Dos integrantes da pesquisa e dos apoios recebidos**

Para a realização da pesquisa e montagem desta edição contei com três estudantes do curso de Comunicação da UESC, bolsistas de iniciação científica: um do CNPq e duas da FAPESB.

O projeto teve início em março de 2003, integrado por Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho (IC-CNPq) e Dyala Ribeiro da Silva (IC-FAPESB). Em agosto do mesmo ano, a equipe foi enriquecida com a chegada de Aline de Caldas Costa (IC-FAPESB). Posteriormente, em março de 2004, Dyala graduou-se, continuando, no entanto, como voluntária em tempo parcial. Depois, embora sem perder o laço com o projeto, afastou-se para atender a encaminhamentos de pós-graduação.



Dyala Ribeiro

A pesquisa foi realizada de forma integrada e, embora respeitadas as atribuições específicas, toda a equipe esteve permanentemente entrosada com a concepção geral do trabalho e o trato dos materiais, seja literário, seja fotográfico. Aline e Dyala ocuparam-se prioritariamente dos textos literários. Saul ficou responsável pelo tecido fotográfico e seu tratamento. Além disso, cabe ainda creditar a diagramação do texto a Saul, bem como a formulação técnica da *homepage* da pesquisa. A concepção e a feitura da capa são creditadas a Saul e Aline. Os resultados parciais foram sempre discutidos em grupo e os encaminhamentos da pesquisa definidos processualmente com base nos critérios estabelecidos, sendo esses momentos fundamentais para a orientação e formação do jovem pesquisador.



Equipe do Projeto: ML Netto Simões, Aline de Caldas, Dyala Ribeiro, Saul Mendez

A participação desses estagiários no projeto foi intensa e cada um deles deu o melhor de si, o que sem dúvida foi acrescentador para a minha orientação e definitivamente imprescindível para o resultado do trabalho .

Agradeço o apoio institucional da UESC e às agências de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq, que viabilizaram o projeto através de bolsas de iniciação científica para os estagiários (FAPESB e CNPq) e recursos (CNPq).

O trabalho integrou as atividades do grupo de pesquisa que coordeno - Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER, www.uesc.br/icer, do DLA/ Mestrado em Cultura e Turismo/ UESC.

Campo



M. L. Netto Simões

EcoParque de Una



Saul Mendez

Frutas regionais - cacau e jaca



Aline de Caldas

Flor típica das roças de cacau

*No fim da tarde,
esperando ver acenderem-se as estrelas,
sou grato à penumbra,
que retarda o quanto pode
a minha contingente obrigação
de acender as lâmpadas.*

Gil Nunesmaia



Margem do rio Cachoeira

E puseram nome naquele vasto painel de fundo azulado. Era o Mundo Azul. Apresentava em primeiro plano a mata Atlântica, que se alongava da esquerda para a direita, varada aqui e ali por uma árvore mais alta, um jequitibá ou sapucaia; depois vinha o morro com sua crista mais azulada que as bordas. E além do morro o azul tornava-se menos anilado, mais profundo, às vezes com umas tinturas de negro, na medida em que cavalgava encostas e montes e descia vales e rodeava outeiros e assentava qual pesada chuva imóvel nas saliências e reentrâncias da superfície da terra. Até onde ia o azul ele não sabia dizer. O que continha esse azul também não podia responder.

Hélio Pólvora

Deixaram as montarias com os dois capangas, Natário puxou do facão; ia cortando galhos, abrindo uma picada. O corpulento fazendeiro segurava-se nos arbustos, escorregava nas pedras soltas: valeria a pena tanto esforço? Mas, quando chegaram ao alto da colina, não pôde conter uma exclamação ao descortinar o imenso descampado, o vale se escondendo nas duas margens do rio, vista soberba, um deslumbramento.

- Lugar mais bonito!

Natário balançou a cabeça, concordando:

- É onde vou fazer minha casa, Coronel, quando a peleja acabar e vosmecê cumprir o trato. Isso aqui ainda há de ser uma cidade. Tão certo, nem que eu estivesse vendo.

Fitava ao longe, parecia enxergar além do horizonte, além do tempo.

Jorge Amado





Aline de Caldas



Trabalhador de roça de cacau

Nas noites de lua, quando as estrelas enchiam os céus, tantas e tão belas que ofuscavam a vista, os pés dentro da água do rio, ele planejava a vinda para estas terras de Ilhéus. Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço grande de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacauieiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. A terra estava na frente dos que chegavam e não era ainda de ninguém. Seria de todo aquele que tivesse coragem de entrar mata a dentro, fazer queimadas, plantar cacau, milho e mandioca, comer alguns anos farinha e caça, até que o cacau começasse a frutificar. Então era a riqueza, dinheiro que um homem não podia gastar, casa na cidade, charutos, botinas rangedeiras.

Jorge Amado



Aline de Caldas

Cacaçal

Mas Juca Badaró não via na sua frente a mata, o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de outra visão. Via aquela terra negra, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau. Via na sua frente não mais a mata iluminada pelos raios, cheia de estranhas vozes, enredada de cipós, fechada nas árvores centenárias, habitada de animais ferozes e assombrações. Via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantadas, os cocos maduros, amarelos. Via as roças de cacau se estendendo na terra onde antes fora a mata. Era belo. Nada mais belo no mundo que as roças de cacau. Juca Badaró, diante da mata misteriosa, sorria. Em breve ali seriam os cacauzeiros, carregados de frutos, uma doce sombra sobre o solo.

Jorge Amado



Aline de Caldas

Frutos de cacau - Sítio Pedro Pio, rodovia Ilhéus/Itabuna

A manhã de sol dourava os cocos ainda verdes dos cacauzeiros. O coronel Horácio ia andando devagar entre as árvores plantadas dentro das medidas estabelecidas. Aquela roça dava seus primeiros frutos, cacauzeiros jovens de cinco anos. Antes ali também fora a mata, igualmente misteriosa e amedrontadora. Ele a varara com seus homens e com o fogo, e com os facões, os machados e as foices, derrubara as grandes árvores, jogara para longe as onças e as assombrações. Depois fora o plantio das roças, cuidadosamente feito, para que maiores fossem as colheitas. E, após cinco anos, os cacauzeiros enfloraram e nessa manhã pequenos cocos pendiam dos troncos e dos galhos. Os primeiros frutos. O sol os doirava, o coronel Horácio passeava entre eles. Tinha cerca de cinqüenta anos e seu rosto, picado de bexiga, era fechado e soturno. As grandes mãos calosas seguravam o fumo de corda e o canivete com que faziam o cigarro de palha. Aquelas mãos, que muito tempo manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça no Rio do Braço, aquelas mãos manejaram depois a repetição quando o coronel se fez conquistador da terra. Corriam lendas sobre ele, nem mesmo o coronel Horácio sabia de tudo que em Ilhéus e em Tabocas, em Palestina e em Ferradas; tinha, debaixo de sua cama, o diabo preso numa garrafa. Como o prendera era uma história longa, que envolvia a venda da alma do coronel num dia de temporal. E o diabo, feito servo obediente, atendia a todos os desejos de Horácio, aumentava-lhe a fortuna, ajudava-o contra os seus inimigos. Mas um dia- e as velhas se persignavam ao dizê-lo – Horácio morreria sem confissão e o diabo saindo da garrafa levaria a sua alma para as profundezas dos infernos. Dessa história o coronel Horácio sabia e ria dela, uma daquelas suas risadas curtas e secas, que amedrontavam mais que mesmo os seus gritos nas manhãs de raiva.

Jorge Amado

Trinta léguas de mata fechada onde a noite é permanente em certos pedaços. O bando permanece na casca, duas léguas para dentro, ninguém se animando a avançar. Atravessar a selva, abrindo caminho com os próprios pés, apenas Cajango e Inuri. O Camacã é deles e tão deles que, na única investida para apanhá-los aí, de cinqüenta jagunços que ousaram dois não saíram pra contar. Há pântanos e lajedos do começo do mundo. Há palmas que cortam como navalhas. Troncos que podem rodar. Ribeirões que escondem poças paradas. Os arbustos, por baixo, ligam-se uns aos outros vedando a passagem, cipós amarrando, e geme o vento quando sopra querendo rompê-los. O Camacã é isso por dentro. É preciso saber onde pisar e meter o corpo.

Adonias Filho



Aline de Caldas

JEQUITIBÁ REI

A minha memória
não vai além do Jequitibá
que a natureza elegera no alto da
serra
e que, impassível – na sua
grandeza de madeira de lei –
assistiu ao primeiro navegante
chegar
pelo mar azul de Ilhéus.
Nunca sentindo antes o eco
do estampido seco da arma de
fogo
do primeiro homem branco
contra o primeiro índio pataxó
e como fora penoso o vôo
da última graúna
cansada e ferida
afogada nas águas do rio
que levava para o mar
os corpos dos índios
e as penas dos pássaros.

O perigo
próximo ao teu pé
derrubava as árvores da mata
e o príncipe Maximiliano
- de imponência austríaca –
caçava os pássaros macucos.

Mais manchas de sangue
sobre as águas de outro rio
a eternizar no lugar e no leito
de areia lavada
o nome do pássaro tombado.

Qual imponência
emplumada de verde!
era o verde!
verde testemunha
dos sutis acertos dos coronéis
dos jagunços em tocaia do tombo dos
inocentes
de tanta gente chegando matando
morrendo
nascendo. Os pássaros e o índios
sumindo...
sumindo... sumindo
como fora o macaco jupará
semeando a roxa amêndoa nas matas aprovando o
cacau que os homens
trouxeram
para as Terras do Sem Fim.

José Delmo

*Árvore de grande porte
característica da Mata
Atlântica - Ecoparque de Una*



ML Netto Simões

Não se viam os cacauieiros, nem as árvores altas, era o verde dos canaviais ocupando a terra. Quem vinha montado, viajando, estranhava as casas de barro escuro, baixas, tão juntas que lembravam um povoado se fazendo. O ribeirão corria grosso no meio, de peixe bom, água limpa, o sol mostrando o limo nas pedras. E o bangüê, suas paredes fortes, os braços nas rodas. Escorria o caldo da cana para o melado e o açúcar. Ali, na várzea, e todo o território o conhecia, morava um povo. Era uma espécie de tribo, aquela gente, plantando a cana, vendendo o açúcar, um reino isolado entre as matas do sul.

Os dias de trabalho, os falcões e as foices, o vento movendo o canavial que cantava. As noites, fogueiras cercando as casas, clarão no grande terreiro, as danças e os cantos em cores assombrando as florestas. Todos eles negros, os habitantes, vinte famílias em um bloco. Os meninos e os cachorros, o chão limpo, pedaços de pastos com as vacas e as mulas, os carneiros e as cabras na grama. Viviam os patos, tranqüilos no ribeirão, enquanto as mulheres lavavam as roupas.

O feijão e o milho, as bananeiras em touceiras, tudo se plantava. Os carros-de-bois chiando, rangendo as moendas, os negros no trabalho duro. Os santos fortes protegiam a tribo. Mesmo as doenças, as pestes que vinham com os ratos, corriam fora, não entravam, respeitando. Os depósitos em comum, tudo se produzia para todos, as soluções dos conflitos e as decisões cabendo a ele, um chefe. Era como se um esconderijo de escravos ficasse esquecido, metidos naquelas brenhas, apenas a estrada estreita ligando a várzea ao grande mundo da Bahia.

Adonias Filho



Saul Mendez



Morador do Rio de Engenho - antigo engenho de Santana, Ilhéus



Aline de Caldas

Adro da Capela de Nossa Senhora Santana, sec. XVI

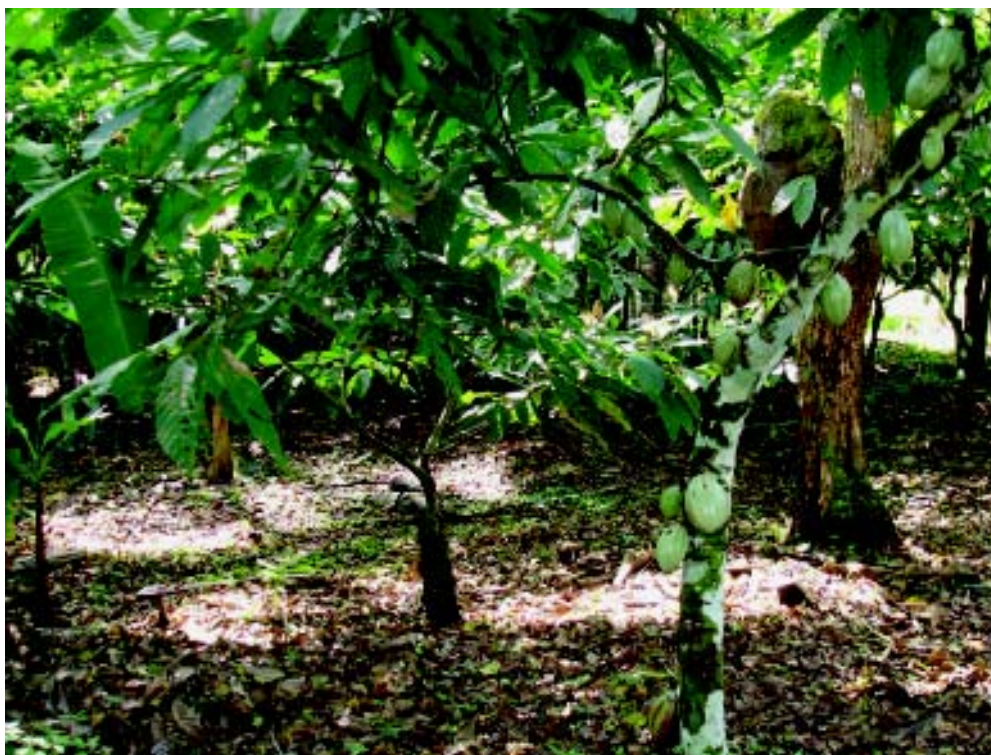


Aline de Caldas

Capela de Nossa Senhora Santana, sec. XVI - Rio do Engenho, Ilhéus

Tudo isto aqui eram fazendas. Plantações de mandioca e cana de açúcar. As moendas, levadas, rodas d'águas, engenhos, presas, estão aí sepultadas pela floresta e guardadas pelos bichos! Está tudo aí entregue ao abandono. O abandono foi o protesto do branco contra a lei da princesa. Foi bom, João. Foi bom porque surgiu o cacau. A mandioca e a cana ressecam e empobrecem o solo. O lavrador de mandioca vai caminhando para o oeste, deixando as taperas e as capoeiras atrás de si. O cacau não. Fixa, prende, aposenta. O plantador de mandioca é um nômade agrícola. Vai caminhando e transformando a floresta num carrascal. Onde existiam frondosas árvores de lei, só se encontram fetos, tiriticas e samambaias. É o deserto criado pela enxadinha do farinheiro, marcando o seu caminho para o oeste.

Clodomir Xavier de Oliveira



Aline de Caldas

Cacanal da fazenda UESC - Ilhéus

Aos domingos ele se dedicou a levantar uma casa de barro batido. Fez a armação de varas, plantou-a no chão, colocou a cobertura de palhas de coqueiro. Depois preparou o barro com terra, bosta de boi, um pouco de areia e água. Ficava que nem cimento. Outros domingos foram empregados no trabalho, que era quase diversão, de jogar o barro contra a armação de varas, os *supapos*. Tinha uma janela e uma porta, ficava bem no meio da roça, se mudaram para ela. No lugar onde estivera o rancho, ele iniciou a construção de uma pequena barcaça. Mas aí não só era muito difícil como custava bastante dinheiro. Aplainou as tábuas para o assoalho da barcaça, conseguiu comprar o zinco para a cobertura, mas parou o trabalho porque lhe faltava dinheiro para os trilhos. Quando o conseguiu, contratou um carpinteiro para ajudar. E, de barcaça pronta, esperou que sua roça enflorasse.

Uma manhã, após os longos meses de paradeiro durante os quais nascera Joaquim, o filho mais velho, quando Antônio Vítor substituiu Raimunda nas idas à feira de Itabuna para vender farinha, milho e banana, eles despertaram para a festa dos cacauzeiros enflorados. Antônio gritou pela mulher, ela chegou e ficaram os dois de olhos úmidos diante das primeiras flores de seus cacauzeiros. Colheram naquela safra 25 arrobas de cacau.

Com a ampliação das fazendas, o crescimento da riqueza, as modestas casas mal situadas transformaram-se em casas-grandes à maneira dos engenhos de açúcar do Recôncavo, dos latifúndios sertanejos, ostentando comodidade e luxo. Erguiam-se cercadas de varandas, em centro de terreno limpo e cuidado. Fartura de animais domésticos, cães e gatos em quantidade.

Nos terreiros multiplicavam-se as aves de criação: galinhas, perus, patos, conquéns. Por vezes aves da floresta, domesticadas. Minha mãe criava jacus e mutuns em meio às galinhas. Cabras e carneiros, vacas leiteiras. Algumas fazendas exibiam pomares, plantados atrás da casa-grande: pés de laranja, tangerina, lima, carambola, pinha, graviola, jambo, pitanga, manga, caju. As jaqueiras, os sapatizeiros, os pés de umbu e cajá faziam parte da mata virgem – a jaca era a fruta principal, delícia para a família, boa ração para as vacas e os burros.

Jorge Amado



Saul Mendez

Ninguém podia pensar que naquele quintal houvesse tantas jaqueiras, principalmente aquele tipo de jaqueira. Elas pareciam nascidas todas gêmeas, erguendo-se do solo com troncos finos e paralelos que pareciam estacas onde se tivessem incrustado folhagens no topo. Gostávamos delas principalmente pelas histórias que Vó contava sobre as aventuras vividas lá. As jacas compridas cresciam pelo tronco afora e muitas vezes nos impediam de escorregar, pernas abertas, pés separados cada um em um tronco diferente, sentindo então uma dominação alucinante do espaço natural. Velhas jaqueiras tão rijas a suportarem o peso ingênuo das crianças nas suas brincadeiras! Os mais afoitos subiam tão depressa que por várias vezes rompiam as calças sob um riso geral.

Ritinha Dantas



Saul Mendez

Jaqueiras



Aline de Caldas

Fruto de cacau

Os cacauzeiros que avista têm o tronco mais de árvores que de arbustos, a almofada floral é nítida e escura, quase oleosa, cacauzeiros fortes e bem formados, com muitos braços onde dependurarem os enfeites multicores dos seus frutos, esses cacauzeiros que são como árvores de Natal, de abril a dezembro festejados. Vendo-os mesmo de longe, César suspira. Mas é na intimidade deles, quando o caminho está acamado de folhas secas e estrala sob os pés, que César se lembra dos seus cacauzeiros, do que faz ao caminhar sozinho por suas roças. Alisa os frutos, sopesa os frutos lisos como quem acaricia peitos – peitos de vários tamanhos e formatos. E corre devagar a mão pesada pelos troncos, sente as curvas, os regos, os mamilos, a quentura de galhos expostos ao sol, os umbigos, a viscosidade de partes que, na sombra ou na penumbra, são como virilhas, talhos abertos. E os frutos roídos pelos ratos e juparás tresandam a mel, o odor de mel embriaga, o mel parece entranhado até mesmo nos troncos, e a roça inteira é um ventre de onde emana o cheiro agridoce, aquele suco liberado por um grande orgasmo.

Hélio Pólvora

A sombra das roças é macia e doce, é como uma carícia. Os cacaeiros se fecham em folhas grandes que o sol amarelece. Os galhos se procuram e se abraçam no ar, parecem uma única árvore subindo e descendo o morro, a sombra de topázio se sucedendo por centenas e centenas de metros. Tudo na roça de cacau é em tonalidades amarelas, onde, por vezes, o verde rebenta violento. De um amarelo aloirado são as minúsculas formigas pixixicas que cobrem as folhas dos cacaeiros e destroem a praga que ameaça o fruto. De um amarelo desmaiado se vestem as flores e as folhas novas que o sol pontilha de amarelo queimado. Amarelos são os frutos precoces que pecaram ao calor demasiado. Os frutos amarelos lembram lâmpadas de oiro de catedrais antigas, fulgem com um brilho resplandecente aos raios do sol, que penetram a sombra das roças. [...] Caem gotas de sol através dos cacaeiros. Vão rebentar em raios no chão, quando batem nas poças de água que lhe dão um colorido rosa chá. Como se houvesse uma chuva topázio caindo do céu, virando pétalas de rosa chá no chão de poeira ardente. Há todos os tons amarelos na tranquilidade da manhã nas roças de cacau. E, quando ocorre uma leve brisa, todo aquele mar de amarelo se balança, as tonalidades se confundem, criam um amarelo novo, o amarelo das roças de cacau, ah! O mais belo do mundo!

Jorge Amado



Aline de Caldas

*Roça de cacau. Fazenda Sossego
Rodovia Ilhéus/Itabuna*



*Flor de cacau*

FLOR DE CACAU

Flor de cacau toda orvahada e moça,
És curtidinha de sereno em Una,
Em Itabuna ainda és mais moça,
Sinhá-moça, mulher de grapiúna.

Flor de cacau toda orvalhada e roxa.
Chuva em crisol fez teu lilás moreno.
Serias a paixão de Barba Roxa,
Se Barba Roxa viesse a este sereno.

Roda no orvalho este cacau pequeno.
Roda em sereno este pião de louça,
Crisoberilo lapidado em roxo.

Quem quiser se casar, escolha moça
Que tomou chuva, e além de sol, sereno.
Flor de cacau é o tipo dessa moça.

Sosígenes Costa



Saul Mendez

Estrada de fazenda - Santa Luzia

Cruzavam-se os hábitos, maneiras de festejar e de chorar. Misturavam-se os sergipanos, sertanejos, levantinos, línguas e acentos, odores e temperos, orações, pragas e melodias. Nada persistia imutável nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobreza e ambições provindas de lares tão diversos. Por isso se dizia grapiúna para designar o novo país e o povo que o habitava e construía.

Diligentes e obstinados, os sergipanos povoaram o território do cacau. Trabalho não faltava, enriquecer acontecia: matéria para prova e sonho, convite para caçar as alpargatas e partir. Mantinham certa solidariedade entre si, ajudavam-se sempre que possível.

Alguns, ao desembarcar em Ilhéus, traziam endereço certo: a fazenda de um conterrâneo, Coronel cuja fama de riqueza alimentava conversas nos dias pobres das cidades vazias de homens.

Jorge Amado

Dezembro de sol naquela madrugada, o choro fraco acorda o dia. As mãos calejadas ainda sujas da gosma de cacau, as próprias mãos do pai a retiram – a mãe na esteira com os olhos abertos - , carne saindo da carne, tudo e vida assim com sangue. E a voz dura e pesada, voz de homem:

- Já nasceu – e mais baixo. – É fêmea.

O homem, a mulher, a menina. A esteira no chão, a casa de reboco, o pasto em redor, meio dia de viagem o vizinho mais perto. Ele mesmo, o pai, é quem planta o umbigo na terra. Na volta, quando se apressa para fazer o caldo, vê as açucenas. Esperava um filho, homem que seria domador ou mateiro, veio mulher. Era vontade de Deus. As açucenas, sente o perfume, transpõe a porta. A mulher na esteira, ela pergunta:

- Você já pensou no nome?

- Chamará Açucena.

Adonias Filho



Aline de Caldas

Flor típica das roças de cacau

Cabocla de Olivença era filha daqueles índios, gostando de paisagens de mato. Olivença, porém, ficava tão perto que era um pulo até acolá. O povo de seu pai trabalhava na lavoura, um sítio grande de mandioca que tinha nos cantos a criação de porcos. A casa de farinha, o pai e três irmãos, gente que plantava mandioca e vendia farinha feita. Matava os porcos, retalhava a carne e aproveitava o toucinho. Em tempo de farinha, porém, e já que os vizinhos chegavam para ajudar na labuta, havia festa no dia em que se fechavam os sacos. Os violões castigavam e o licor de jenipapo escorria.

Adonias Filho



Saul Mendez

Tipo étnico regional

*Churrasqueira artesanal - Itacaré*

De longe se sentia o cheirinho dos quitutes de Vó. As mãos retorcidas não a impediam das mágicas na cozinha e ensopado algum era tão bom como o dela. Temperos bons, alguns plantados em latas de óleos, Vó conseguia atrair os netos e tirá-los das goiabeiras sem gritos, nem ameaças.

Comer os quitutes de Vó era o prêmio esperado.

Na cozinha os netos partilhavam do velho fogão de lenha de onde saltavam os torresmos, as tripas fritas em gordura de porco, as lingüiças caseiras. Na mesa a cuia de chifre cheia de farinha era a disputa diária entre os netos.

Os utensílios eram todos mágicos. Vó sempre os atribuía a este ou aquele duende, explicando a sua origem, transformando a comida em sonho. Saíam todos pelo país das maravilhas, montados naqueles legumes que Vó enumerava, criando para cada um aquela missão a ser cumprida.

A mesa grande plantada no chão de barro se metamorfoseava para atender às fantasias de Vó, no seu viver lúdico com os netos.

Ritinha Dantas

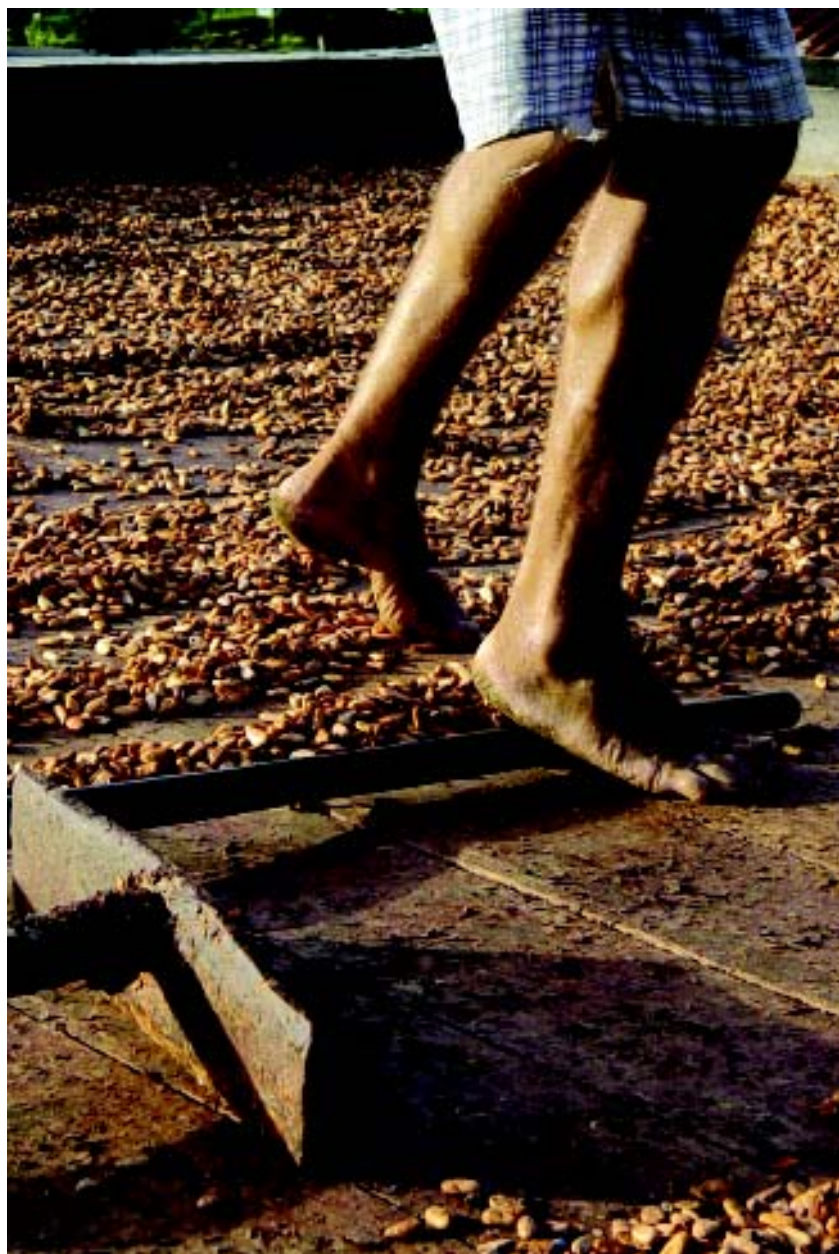
No sul da Bahia cacau é o único nome que soa bem. As roças tão belas quanto carregadas de frutos amarelos. Todo princípio de ano os coronéis olham o horizonte e fazem as previsões sobre o tempo e a safra. E vêm então as *empreitadas* com os trabalhadores. A *empreitada*, espécie de contrato para colheita de uma roça, faz-se em geral com os trabalhadores, que, casados, possuem mulher e filhos. Eles se obrigam a colher toda uma roça e podem alugar trabalhadores para ajudá-los. Outros trabalhadores, aqueles que são sozinhos, ficam no serviço avulso. Trabalham por dia e trabalham em tudo. Na derruba, na juntagem, no cocho e nas barcaças. [...]

Partíamos pela manhã com compridas varas, no alto das quais uma pequena foice brilhava ao sol. E nos internávamos cacauais adentro para a colheita. Na roça que fora de João Evangelista, uma das melhores da fazenda, trabalhava um grupo grande. Eu, Honório, Nilo, Valentim e uns seis mais colhíamos. Magnólia, a velha Júlia, Simeão, Rita, João Grilo e outros juntavam e partiam os cocos. Ficavam aqueles montes de caroços brancos de onde o mel escorria. Nós da colheita nos afastávamos uns dos outros e mal trocávamos algumas palavras. Os da juntagem conversavam e riam. A tropa de cacau mole chegava e enchia os caçuás. O cacau era levado para o cocho para os três dias de fermento. Nós tínhamos que dançar sobre os caroços pegajosos e o mel aderiria aos nossos pés. Mel que resistia aos banhos e ao sabão massa. Depois, livre do mel, o cacau secava ao sol, estendido nas barcaças. Ali também dançávamos sobre ele e cantávamos. Os nossos pés ficavam espalhados, os dedos abertos. No fim de oito dias os caroços de cacau estavam negros e cheiravam a chocolate.

Durante o trabalho nas roças ele canta, sua voz poderosa e triste atravessa os cacaueiros, foge, arrastada pelo vento, dizendo da vida desses homens do cacau. Há muita gente vivendo em torno das árvores do cacau. Tem os exportadores, alguns dos quais nunca viram sequer uma fazenda. Tem os fazendeiros, donos da terra, valentes e ricos. Tem os advogados, os médicos, os agrônomos, os fiscais. Tem os capatazes, a gente mais ruim do mundo. E tem os trabalhadores, os que colhem cacau, que secam os caroços, que podam as roças. São ao mais pobres de todos, os alugados, os que nunca têm saldo. A voz do negro Florindo relata a vida desses negros, mulatos e brancos curvados na roça. É uma canção anônima, ninguém sabe quem a escreveu, como ela nasceu. Desde que a terra foi toda conquistada e os trabalhadores perderam qualquer esperança de poder ganhar e plantar uma pedaço de terra, essa canção apareceu e se popularizou pelas fazendas:

*Quem planta cacau sou eu,
sou eu quem colhe ligeiro,
mas ai! Mulata, mas ai!
só eu não vejo dinheiro
do cacau que se vendeu...*

Jorge Amado



Aline de Caldas

Sob o sol ardente, o dorso nu, as foices presas em varas longas, os trabalhadores colhiam os cocos de cacau. Cáiam num baque surdo os frutos amarelos, mulheres e crianças os reuniam e partiam, com tocos de facão. Amontoavam-se os grãos de cacau mole, brancos de mel, eram metidos nos cacuás, levados para os cochos no lombo dos burros. O trabalho começava com o raiar do dia, terminava com o chegar da noite, um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura comidos às pressas na hora do sol a pino. As vozes das mulheres se elevavam nos dolentes cantos de trabalho:

*Dura vida, amargo fel,
son negro trabalhador,
Me diga, seu coronel,
Me diga, faça o favor;
quando é que eu vou colher
as penas do meu amor'.*

O coro dos homens na roça respondia:

*Vou colher cacau
no cacauceiro...*

Jorge Amado



Aline de Caldas



Quebra de cocos de cacau





Aline de Caldas

Fazenda Monte Alto - Ilhéus



Aline de Caldas

Secagem do cacau na baraaça

As baraaças compridas e largas davam a idéia de um grupo de feras com as bocas escancaradas, que dormissem ao sol. Os caroços secavam. Nós, duas vezes por dia, dançávamos sobre eles, uma dança na qual só os pés se moviam. O sol queimava os ombros nus. O cocho, ao fundo, retângulo sujo, por cujas frestas escorria um líquido viscoso, parecia uma ratoeira. E dominando tudo, a estufa, onde o cacau secava nos dias de chuva à força de fogo, com seu forno alto.

Quando chovia corríamos às coberturas de zinco sobre as baraaças. E em junho e julho quase todo o cacau ia para a estufa, pois os dias de sol rareavam.

A estufa nos engolia um a um e trabalhávamos debaixo de um calor infernal. O inferno, mesmo o da descrição dos padres alemães de São Cristóvão, não podia ser pior. Suávamos como condenados e quando saíamos dali, as calças, “porta de loja” encharcadas, caíamos no ribeirão.

Jorge Amado

Terra
adubo
e chão...
deu praga na plantação.
Sol
poeira
facão...
deu seca no coração.
Chuva
água
ilusão...
vivas para “seu João”!

Genny Xavier



Saul Mendez

Machado, ferramenta do trabalhador rural



Aline de Caldas

Legumes regionais

Se fosse reunir o que já se publicou sobre a Fazenda do Povo, daria um gordo livro.

Nasceu da vontade de fazer uma experiência socialista, sem ficar somente na proveta do laboratório de sociologia e política. Volta a história de multiplicar o trabalho. [...]

De uma semana para a outra vieram centenas de criaturas. Virou uma festa. Um torvelinho de gente na cantiga do machado ecoando nas derrubadas, o tinir dos facões no lugar das foices, o repicar alegre dos martelos, o terrear guloso das enxadas. Alegria dos meninos socando casas de taipa, moças faceiras pisando barro, homens ajudando uns aos outros e surgindo nas dobras dos pequenos vales, os boquis. As roçadas, as goivas, as cinzas mornas das queimadas. As sementeiras, leiras, plantadeiras.

Proibido lavar fumo. Nem mandioca. Nem cacau. Devia sim, cultivar coentro, tomate, cebola verde, legumes de produção rápida para virar dinheiro na feira que os não tinha. [...]

Mas sábio e eficiente que distribuir comida de graça, alimentando o ócio, engordando a demagogia como se faz hoje, enquanto os bancos, banqueiros, bacarás, cevam-se com os juros dos lavradores.

Poucos dias depois lá estavam dezenas de vacas no estábulo coletivo, sendo cuidadas pelas crianças e velhos. Do leite, alimento. Da cria, recurso para liquidar o banco. Do berro, o canto daqueles que jamais sonharam em ter uma vaquinha Cocazinha, Seda Branca, Cumbuquinha, Pedra Roxa.

Alegria de encher o eito, ver aquele formigueiro de gente na labuta. A cada dia, uma surpresa.

Euclides Netto

Agrário

Fazendeiro: mel céu
chão passo
melaço

Roceiro: fel chapéu
baga aço
bagaço

Ouro: na terra
o cacauero

Jugo: sobre a terra
o baronato

Lucro: ladainha
agonia
companhia

Epitáfio: sob a terra
o roceiro:

cacau/ cal
caligrafia,
raiz/ vinho,
biografia.



Aline de Caldas

Frutos de cacau e facão, ferramenta principal do trabalho nas roças

Cyro de Mattos

Valentim sabia histórias engraçadas, e contava para a gente. Velho de mais de setenta anos, trabalhava como poucos e bebia como ninguém. Interpretava a Bíblia a seu modo, inteiramente diverso dos católicos e protestantes. Um dia contou-nos o capítulo de Caim e Abel:

- Vosmicês não sabe? Pois tá nos livros.

- Conte, véio.

- Deus deu de herança a Caim e Abel uma roça de cacau pra eles dividirem. Caim, que era home mau, dividiu a fazenda em três pedaços. E disse a Abel: esse premero é meu. Esse do meio, meu e seu. O último, meu também. Abel respondeu: não faça isso, meu irmãozinho, que é uma dor no coração... Caim riu: ah! É uma dor do coração? Pois então tome. Puxou do revólver e - pum - matou Abel com um tiro só. Isso já foi há muitos anos...

Jorge Amado



Saul Mendez

Seu Arivaldo, pescador e contador de histórias - Ilhéus



Moça grapiúna

Colodino há muito que trabalhava na construção das barcaças da fazenda. Ali conhecera Magnólia, filha de D. Júlia, uma velha de cinqüenta anos. Eram ambas alugadas da fazenda para a juntagem do cacau. Magnólia era bonita, sim. Não como essas roceiras heroínas de romances de escritores que nunca visitaram uma roça. Mãos calosas e pés grandes. Ninguém que trabalhe numa fazenda de cacau tem os pés pequenos. Seios fartos que muitas vezes apareciam sob os rasgões do vestido velho. Mas a gente não ligava. Noiva de Colodino, nós a respeitávamos. Um pouco envelhecida talvez para os seus vinte anos. Mas Colodino a amava e cantava no violão improvisos dedicados a Magnólia. Às vezes, à noite, a gente dava um pulo até a casa da velha Júlia para beber um trago de cachaça e dar um dedo de prosa. Não pensem que Magnólia conversava bem. Isso é coisa que não existe na roça. Ela sabia palavrões e os soltava a cada momento. Apesar disso, e de tomar banho nua no ribeirão, nunca deu confiança para ninguém e Colodino seria feliz com ela sem dúvida.

Jorge Amado

Maximiliano Campos, nos tempos em que Carlos era um adolescente cheio de mulheres e vícios, conseguia prendê-lo em casa com a narração de espantosas histórias de Ilhéus, de tiros e barulhos, de mortes e incêndios quando, no princípio do século, os coronéis, os Horácios e os Badarós, conquistavam a terra de ninguém para plantar cacau. Carlos se apaixonava por aquelas histórias, era a mesma sedução dos livros de Júlio Verne lidos na infância. Desde rapazinho que a imagem das terras do cacau, rubras de sangue, ocupava um lugar na sua imaginação. Hoje sabia que o revólver e a repetição, o capanga e o incêndio já não adiantavam para a conquista dessas terras. Não eram mais terras de ninguém, matas de assombrações, virgens do contacto humano. Agora eram roças de cacau, limitadas por cercas de arame farpado, registradas em cartórios, com títulos de posse da terra. Eram terras que tinham dono, coronéis ricos e poderosos, donos dos eleitores, das casas de Ilhéus, dos postos governamentais, das estradas de rodagem, dos automóveis de luxo. Eram os donos de Ilhéus, porque eram os donos da terra...

Jorge Amado



Aline de Caldas

MAGIA MATA ATLÂNTICA

Quer cipó do bom, pra fazer caçuá?
Cansação, calumbi, tem que “enfrentá”,
Mesmo com biscó na mão,
A mata não fica rala,
E tem bicho que aparece,
Não sei quase que padece,
Se o sujeito perde a fala!
Passarinho e mato, faz zoada e alvoroço,
Moço,
Se não regalar os “zóio”,
Cobra monta no pescoço.
Foi num “instantinho” quando o tempo
Quase fecha,
E avecha, avecha, quem é
Vivente “silenciô”,
“inté” Zé Pré Qué Té,
o maior “dos caçadó”
religioso, mal “começo” a “ora”,
Ouviu um canto que chamou: “sinistro”,
De um sabiá.
E, “atirô” “nas copa verde” – Sabiá no pé
de ingá,
“atirô” no que mexia – sabiá a “caçuá”,
“atirô” no que não via – sabiá a “pirraçá”
“atirô” no céu azul – mas sabiá não parou
de “cantá”.
Em casa, já chegado, enfadonho, medonho,
Falou pra amada:
“Que sabiá malassombrada?!”
“ – Né, não, meu fio, é o espírito da mata!”.

Ramon Vane







Festa junina

Na casa de papai, as festas juninas traziam toda a força de tradição dos cacauais.

A festa de São João era a da Casa-Grande – da família, das crianças, dos amigos.

A festa de São Pedro era a de Mombeio – irmã de Vó – fogueira de viúva – especial para ela só, festa de velhos, de sabedoria.[...] Os netos, contentes, tinham duas fogueiras para disputar e, ao lado de Vó, eles alegravam as festas juninas. Cedinho, já penduravam as frutas das árvores transplantadas, bandeiravam a casa, os passeios, as árvores. Era o final de dias e dias de carinhoso trabalho com Vó.

Ritinha Dantas



Saul Mendez

Fogueira de São João - Una

Saul Mendez

*Jaca*

Jaca e banana, nossas únicas e invariáveis sobremesas. Não conhecíamos outra. Quando acabava o almoço, João Grilo trepava na jaqueira e derrubava as maduras. Comíamos à mão, os dedos cheios de visgo. As mulheres preferiam jaca dura. Nós, homens, atolávamos os dedos nas moles, João Grilo, com toda a magreza, comia por vários. Batera o recorde, comendo certo dia cento e dois bagos. Isso corria pelas roças como lenda, mas João Grilo sentia-se capaz de renovar a proeza.

Jorge Amado



Saul Mendez

Banana prata



A morena deixara no ar um cheiro gostoso de mulher. João a acompanhou um instante com o olhar e, depois seguiu pelo corredor e sentou-se à mesa.

Pulu trouxe um prato de farofa d'água e um cuscus de tapioca que acabara de fazer. João não quis jantar, encheu a sua xícara de café, e serviu-se de um pedaço de cuscus, com leite de coco. Sempre gostara daquilo. Quando menino sempre brigava com as irmãs por um pedaço de cuscus de tapioca.

Pulu chegou-se de mansinho, sentou-se à mesa e começou a jantar em silêncio. João sentiu no ar aquele cheiro gostoso. Só então começou a reparar nela. Como não havia visto ainda aquele pescoço moreno e roliço; aqueles requebrados, aquele jeitinho de moça faccira...

Clodomir Xavier de Oliveira

Tupã-Cavalo puxou cacau no caçua;
Botou cacau num pedaço de canoa
Pra fermentar e cantou.
Quando o cacau fermentou bem,
Pôs em cima de um saco na coroa
O cacau do gavião que não é do jupará.

Também botou cacau em zinco velho e numa
esteira
E em taboa velha que apanhou na alagação.

O sol veio e secou tudo e o cacau ficou do bom.

Então ele torrou o cacau numa lata torradeira
Que emprestou Sinhá Loló
Pilou cacau no pilão grande de pau
Peneirou na urupema de cipó
Botou bem doce, bem canela
E baunilha como quê.
E o tatu quando bebeu o chocolate
Balançou de gozo o rabo
E disse assim:
Isso é melhor do que cauim,
Isto é bom como o diabo.

Sosígenes Costa





Aline de Caldas

Processo artesanal do fabrico de chocolate

Serra Grande - Uruçuca



ML Netto Simões



Saul Mendez

Rodovia Ilhéus - Itacaré

Memória

Ouvir apito de trem
fere grito calcinado
de terra nojo nostalgia
do brumado penha lembrança
numa certa rua da linha
em itabuna bahia

Do trem: o apito o vagão de bois
a ponga o olhar feroz condutor
mutuns rio do braço proibidade
itajuípe baldeações
e o verde imenso bonito e verde
dos cacauais

O que não faríamos para estar
no trem da estrada de ferro de
ilhéus
num domingo à tarde de silvo e
selva
onde aquele senhor de branco
sempre bêbado e falador
discursava sua solidão na segun-
da classe?

Hoje apito trem vagão
trotam rio acuado descendo
grosso bolo no peito
de um tempo ora recluso na
memória.

Jorge Araujo



ML Netto Simões

Rodovia Canavieiras - Santa Luzia



Saul Mendez

Rodovia Ilhéus - Olivença

Entre campo e cidade



ML Netto Simões

Canavieiras



Saul Mendez

Rio de Engenbo - Ilhéus



ML Netto Simões

Praia de Olivença - Ilhéus

*E como tudo que é criado é também finito,
o que está antes e depois deste finito tem de
ser infinito. É claro que, nesse sentido, a
substância básica não podia ser algo tão
trivial quanto a água.*

Jostein Gaarder

HISTORIA DA PROVINCIA SANTA CRUZ

DA CAPITANIA DOS ILHEOS

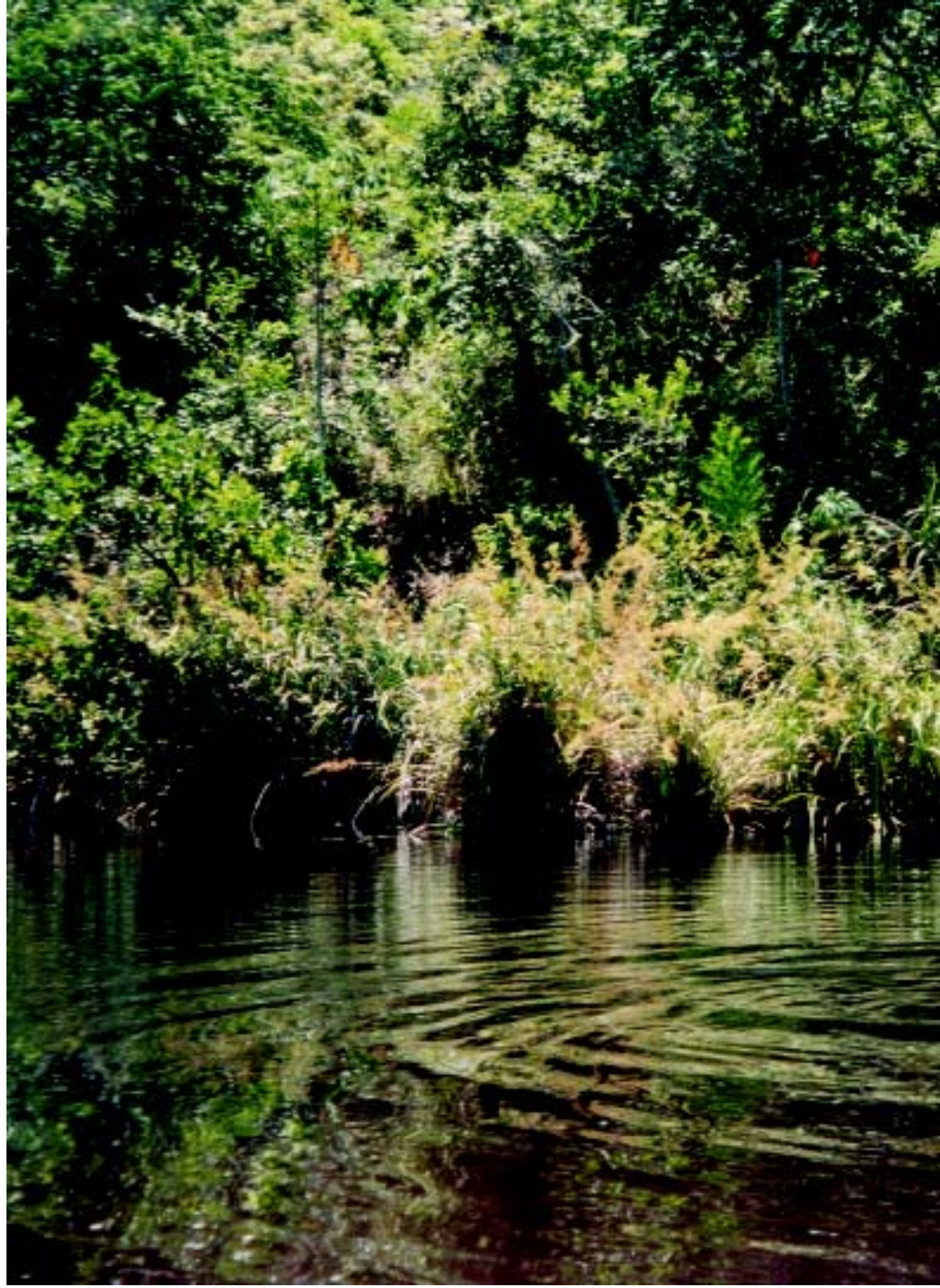
A Capitania dos Ilheos está trinta legoas da Baía de Todos os Santos em quatorze graos e dous terços; hé de Francisco Giraldes, na qual tem posto Capitão de sua mão. Pode haver nella duzentos vizinhos. Tem hum Rio onde os navios entrão, o qual está junto da povoação, divide-se em muitas partes pela terra dentro: servem-se os moradores por elle para suas fazendas em almadias. Ha nesta Capitania oito engenhos d'assucar. Destro da povoação está hum mosteiro de padres da Companhia de Jesus que agora se faz novamente.

Sete legoas da mesma povoação pela terra dentro está huma lagoa de agua doce que tem tres legoas de comprido e tres de largo e tem dez, quinze braças de fundo e dáhi para cima. Saé della hum Rio pequeno pelo qual vão lá ter barcos. Tem esta lagoa hum local neste Rio, tão estreito, que apenas cabe hum barco por elle, e depois que anda dentro quasi não sabe determinar por onde entra. Tem tanta abundancia d'agua que podem andar nella quoesquer naos, por grandes que seão, á vela; e assi quando ventá muito, alevantão-se alli ondas tão furiosas como se fosse no meio do mar com tormenta. Tem muita lantidade de peixes grandes e pequenos. Crião-se nella muitos Peixes-bois, os quaes têm o focinho como de boi e dous cotos com que nadão á maneira de braços; não têm nenhuma escama nem outra feição de peixe se não o rabo. Matão-nos com arpões, são tan gordos e tãstãhios que alguns pesão trinta, quarenta arrobas. He hum peixe muito sabroso e totalmente parece carne e assi tem o gosto della; assado parece lombo de porco ou de veado, cozese com couves e guiza-se como carne, nem pessoa alguma o come que o tenha por peixe, salvo se o conhecer primeiro. As fêmeas têm duas mamas pelas quaes mamão os filhos, e crião-se com leite (cousa que se não acha noutro peixe algum); também ha destes em algumas bahias e rios desta Costa e posto que se criem no mar costumão beber agua doce, por isso acodem muitos a esta lagoa ou a parte onde algum ribeiro se metá no mar. Também ha muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E achão-se nella outros monstros marinhos de diversas maneiras. Ha muitas terras e muytoas arredor della, e muita caça; e neste rio que saé da lagoa muita fertilidade de peixe. Finalmente que huma das abastadas terras de mantimentos que ha no Brasil he esta Capitania dos Ilheos.

Pero de Magalhães Gandavo

De repente, mais que de repente, a Lagoa. Estava ali, na tocaia, à nossa espreita. Presentiu a nossa chegada e adiantou-se. Lagoas agem assim: vaidosas, desenrolam as madeixas das suas águas na ânsia de prender admiradores. Por isso, entra-se nela sem aviso, sem arauto. Tude se esquece de buzinar. Nem é preciso, a Lagoa Encantada impõe-se, fala por si mesma. Como diria antigo locutor de rádio, ela dispensa apresentações. As margens distantes são vagos contrafortes azulados que ligeira neblina, apesar do sol, ainda tolda. E entre o nosso barco lerdito e aquelas margens estende-se um espelho d'água escurecida, sempre a se mexer em crispações nervosas – o bercário natural de robalos e carapebas.

Hélio Pólvoira





ML Netto Simões

Lagoa Encantada - Ilhéus

Dizem que ela é encantada porque nela existe uma cidade submersa, com navios iluminados e até galos clarinetam na madrugada. Um sol aracnídeo desfia ouro na água. Ilhas se movem e peixes de fora dançam nas vagas. O vento inventa uma música de harpa. À noite, sereias brincam em verdes cirandas. Há espumas de prata e um rumor de anáguas. Então se escuta uma suave cantata, vozes doces que oferecem as mais lindas esmeraldas. Os moradores mais antigos dizem ainda que se a lua deita, sob sete capas, a noite encantada, quem pescar na lagoa nunca mais retorna.

Cyro de Mattos

O Rio e o Poeta

Despi o manto de bardo,
Vesti a pele do rio.
Vou correndo e vou falando
Encantado neste rio.
Vou passando nos lugares
Atrasados deste rio.
Vou falando na pobreza
Dos lugares deste rio.
Não me calo na viagem.
Falo pelos cotovelos.
Mas ponho calor na fala
Para exprimir simpatia
Pela causa dos pequenos
Que são tantos neste rio
.....
Procuo imitar o canto
Da viola e da cotovia.
Imito o canto do povo.
Mas calada a simpatia,
Minha fala de poeta
Perdeu toda a poesia.

Sosígenes Costa



Rio Cachoeira - rodovia Ilhéus/Itabuna



Aline de Caldas

Zefa sonhava com a água fria daquele rio amado – o Cachoeira. Às escondidas, conseguia nadar naquelas águas com as companheiras meninas e esquecer a vida. Fizera isso desde pequenina, apesar das recordações, dos avisos, das referências a mães-d’água e outras coisas mais.

Agora, casada, Vó-menina sonha com a água do Velho Rio, com as companheiras, com os brinquedos de fim de tarde. E não recua. Foge, encontra, lança-se às águas e volta de mansinho, com ar de anjo tristonho, para que não se descubra o seu segredo. Dias a fio, dias e mais dias.

Ritinha Dantas

De alguma janela (ou alpendre)
dois olhos te contemplam,
duros de não saber
o que deles fazer: se olhar
ou simplesmente ser
olhos na noite, ausência
de olhar o que não vê.
Mesma coisa aqueles que
Opacos de mais sofrer
O contemplam na descida,
Descendo contigo a vida.

.....
Outros olhos o contemplam
e são olhos diferentes:
olhos de ver, não de sentir
o que no fundo levas:
não pitus ou acarís,
mas grossa água, quente
como sangue, ou sangue.
Vão juntos, dois rios
Pelo mesmo rio.
Juntos: água e sangue
Chamados do mesmo nome.

Telmo Padilha



ML Netto Simões

LAVADEIRAS

.....
Espuma do rio colorido
batendo roupa nas pedras.

Festa de mãos frescas,
fervor na manhã branca.

Limpava o sujo da cidade
E me ofertava a aurora líquida.

Cyro de Mattos



Airne de Caldas



Uma bela paisagem desdobrava-se de cima do outeiro. Um reflexo prateado, em forma de cotovelo gracioso, denunciava o espelho d'água do Almada, rio da unidade grapiúna. Mais adiante, encastada na planície, estirava-se a lagoa encantada, enfiada, em repouso satisfeito. O verde viçoso impunha-se por toda parte.

Hélio Pólvora





Trecho do Rio Almada - Iguape, Ilhéus

O barco lerdo avança, descerra a cortina das margens e revela cenários. Tude toca a buzina que mais parece trompa de caça. Quer desviar os olhos dos indolentes passageiros para certos aspectos da fauna e da flora. O velho Almada, que nesse período seco está matando a sede dos itabunenses, mesmo com água salgada das marés, serpenteia. Ora estende-se plácido, ora enrodilha-se pelas curvas, para seus botes certos sobre novas paisagens. Garças pousadas nas margens formam pontos de interrogação, frangos d'água semeiam vírgulas nos ares, saracuras aparecem em conjunções conectivas. Nunca a gramática foi tão graciosa. E há também as baronesas de arroxeados cálices que se inclinam, em meneios elegantes, para nos saudar.

Hélio Pólvora

RIO CACHOEIRA

Rio torto,
rio magro,
rio triste.
Parece que chora,
sente dor...
Parece que fala em lamentos
dos afogados que engoliu
das flores que já levou.
O remorso, Cachoeira,
o remorso te entortou.

Valdelice Pinheiro



Rio Cachoeira - rodovia Ilhéus/Itabuna



Aline de Caldas

RIO MORTO

Vejo tua face invisível
na claridade das águas,
espumas lavadeiras nas pedras
diversicoloridas de roupas.
O céu azul de nuvens mansas.
A lua derramando a prata
no areal deixado pela cheia.
Eu sou aquele menino
Que engoliu tua piaba
para ter o fôlego forte.
Eu sou aquele menino
que pegou tuas borboletas
nos barrancos voando em bando.
Eu sou aquele menino
Que sentiu em tuas boninas
A proposta livre da vida.
Eu sou aquele menino
magro, esperto, traquino
em tua paisagem luminosa.
Não havia, amor, dúvida
Ares sombrios e pegajosos
cobrindo tua ilha com tesouro
guardada por alma de pirata.
Nessa manhã de banho ausente,
Susto nos peraus e remansos,
O sol sem vidrilhar a correnteza,
tristes meus olhos testemunham
tua descida pobre e monótona.
Tua morte lentamente com sede
inventada nas bocas de vômito...
Cachoeira o teu nome
do rio que chora água.

Cyro de Mattos

Cantiga à margem,
Terra e nuvem,
A dádiva nas águas.

Ó rios de minha terra
Entre pancada e réptil
Que águas vos levam?

Que azul vos repete
Nos dezembros desaguantes
Pois nunca se cansam?

Cyro de Mattos



Saul Mendez

Rio de Engenho - Ilhéus



Saul Mendez

Rio Pardo - Canavieiras



ML Netto Simões

Rio Aliança - Una



Saul Mendez

Praia do Acúpe - Ilhéus



ML Netto Simões

Lagoa Dourada - Santa Luzia

O mar desdobrava rolos de algodão na praia.

Mas agora, e pelo menos nesta enseada, ele está barrento. As ondas que se esparramam na areia, sob o foco de um sol forte, trazem um tom estranho – um vermelho corrupto, corrosivo, que talvez pudesse chamar-se de ocre. Como se o mar, antes de aqui arrefecer, houvesse passado, no seu incessante fluxo, por abruptos barrancos de terra barrenta, e desprendido torrões que se desfazem em pó e contaminam as águas verdes, águas azuladas.

Hélio Pólvora



Saul Mendez

Praia Pé de Serra - Uruçuca

De céu manso, o dia amanheceu. Nuvens como grandes conchas, grandes rochas brancas, grandes cogumelos.

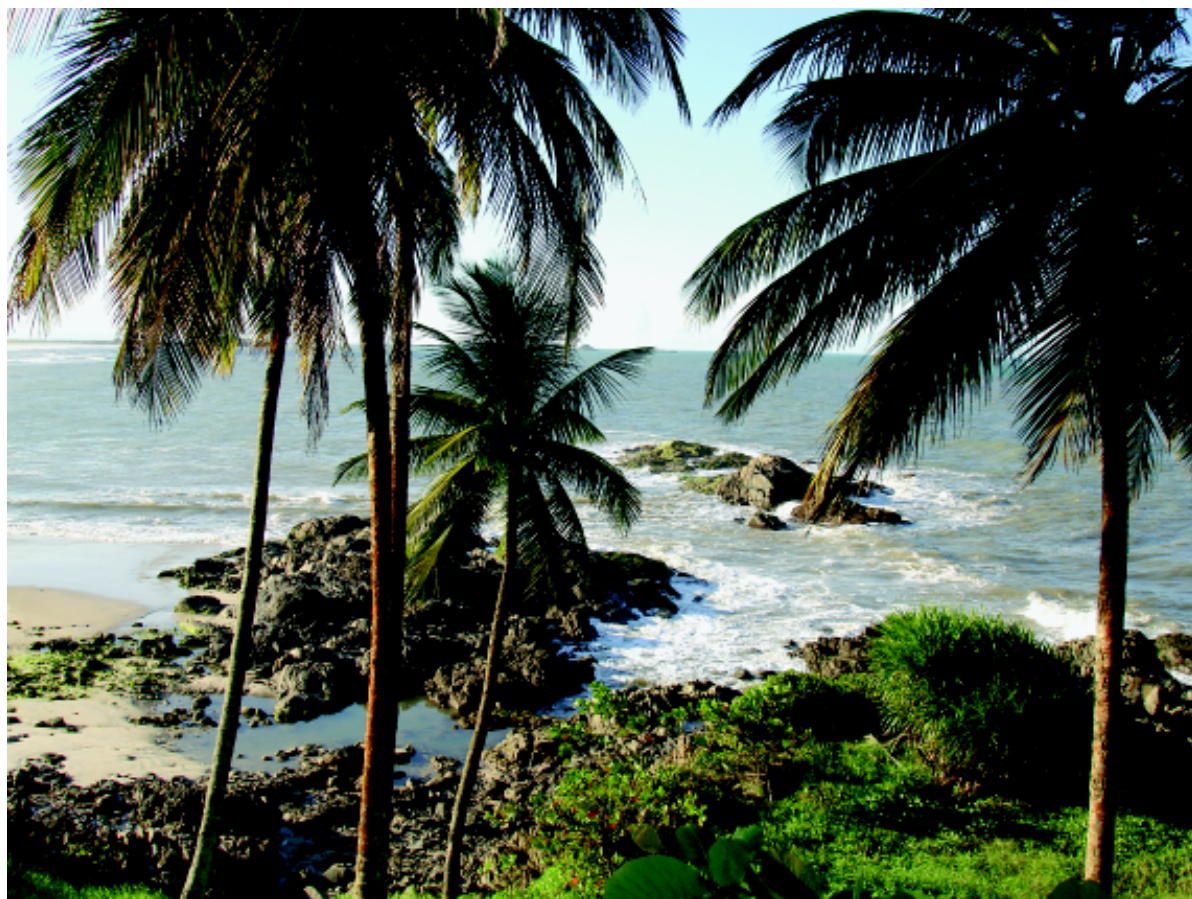
O mar ruga selvagem com suas jubas brancas. Bate, volta, bate. Manhã de um sem-número de espelhos, rochas polidas em suas escamas milenares, ancoradouro de sonho e devaneio.

Noites passam. Ele se banha nos raios de uma lua clara. Lâminas de prata rebrilham em enorme corpo que respira.

Como incríveis bailarinas, elas sobem e descem ... erguem-se em muros que oscilam e se transmudam em fragor de espumas... triunfo de amor em areia... belas, no lombo das águas velejam.

Ele, rico de bondade e saber, encantado num peixe indescritível, balança-se ao imenso, vigília líquida de um tempo sem fronteiras, ritmo mágico de veios indormidos.

Cyro de Mattos



Aline de Caldas

Atravessaram a areia, tão larga que parecia duna ou areal, não fosse sua rasa e lisa superfície, e chegaram ao mar. Ou o mar, chegou-se. Melhor dizendo, todos se chegaram, eles e o mar, em movimento único de manobra, o mar insinuando a ponta espumejante de suas águas, eles fazendo saltar grãos de areia na polpa dos polegares dos pés. Entregaram-se ao mar, que bramia de maneira surda, pacificada, cantante, um bramido de fera satisfeita. Deixaram-se envolver por seu abraço cálido, solto; os corpos tensos e brancos relaxaram então, a pele começou a formigar com as queenturas do sol e do sal. Os trópicos rolavam nas vagas e nas ondas, corriam para o que parecia ser a central geradora das máximas luminosidades. É preciso guardar esse instante, o homem pensou então. Guardar, pelo menos, o contorno desse instante. E foi ao carro apanhar a máquina fotográfica.

Hélio Pólvora



Saul Mendez

Praia da Concha - Ilhéus



ML Netto Simões

Praia do Norte - Ilhéus



Saul Mendez

Praia do Sul - Ilhéus



“Sereia”, escultura de Goca Moreno. Praia do Marciano - Ilhéus



O SEGREDO DO POTE

Olocun tinha uma filha meiga, maternal e extremamente delicada. Era Iemanjá, a mãe dos filhos dos peixes. Prometida a Olofim, Iemanjá casou-se com ele e foi em sua companhia, para as terras que ficam bem distantes do Aiocá. No dia do casamento, Olocun presenteou sua filha com um pote. Mas avisou, com uma voz de quem sabia das coisas:

- Filha, guarda bem este pote. Se algum dia, você cair num perigo grave, ou tiver uma extrema necessidade, não vacile: quebre este pote e você será imediatamente socorrida. Mas se lembre bem: só em último recurso...

Com o tempo, Olofim foi se demonstrando ciumento, possessivo e dominador. A vida de Iemanjá ficou restrita apenas ao palácio real. [...]

Iemanjá fugiu do palácio. Mas como não conhecia os caminhos do deserto, terminou se perdendo. E quando o dia amanheceu, ela nem sequer sabia onde estava. Nesse meio tempo, Olofim acordou, tomou conhecimento da fuga de Iemanjá e saiu à sua procura, com muitos soldados.[...]

Quando Iemanjá avistou o exército do marido se aproximando, deu-se conta da tragédia que iria lhe acontecer. Foi então que ela se lembrou do presente que recebeu de Olocun, no dia do casamento. Abriu a bagagem e retirou o pote. E quando Olofim mandou os soldados amarrarem a esposa, ela palmeou o pote e arremessou no chão. E aí, deu-se um encanto: de repente, o Oceano se avolumou, invadiu a terra e o deserto virou mar. Olofim e seu exército morreram afogados e Iemanjá reinou absoluta sobre todas as águas do Oceano.

Ruy Póvoas

De encontro às ameias
da pedra, o barco se quebra...
Cantam as sereias.

Abel Pereira





ML Netto Simões

SONHO MOLHADO

Sob a chuva
Durmo e sonho:
O sol vinha veloz
E eu era de bronze
E no mar um peixe d'ouro
Me convidava a hidro-amar

Fui pro mar
E as espumas me arrastavam
Para um fundo escuro e denso
E havia um mundo imerso
Imenso, turvo, completo
Cheguei, fui ficando
Desvairada
Apaixonada pelo mar
Pelo peixe, pelo mundo

Passei a ser marinha
Como as algas e a luz

Me diluí no mar
E virei a branca espuma
Que brinca a teus pés
Sob o sol quente de verão

Jane Kátia Mendonça

Cidade



Saul Mendez

Itabuna



Saul Mendez

Ilhéus



Saul Mendez

Canavieiras

*Para cantar uma cidade
não basta marcá-la em infenso mapa
ou presentí-la em seu exato número
população, superfície, climas
topografia, riquezas, pobreza
misérias, ranhuras, talvezes.*

*Há que sabujar-se em suas
saliências
e reentrâncias*

*correr ruelas, becos, avenidas
flagrar o novo e sobretudo o
velho*

*que diz mais e muito
e muito mais revive, povoa
a alma antiga de seres e lugares.*

CONFISSÃO DE UM ÍNDIO

Tenho alma camponesa mas não trago
A sua inocência. Vivi com os bichos
Do mato e farejo o inimigo invisível
Entre essas casas de pedra. As unhas
Criadas de minhas mãos buscam cravar
No peito traiçoeiro o golpe impiedoso.

Vejo-me bicho acuado no meio da floresta
De concreto e já sangram os meus pés que cavam
No asfalto um pedaço de terra. Mas não temo
A morte – deixei meu coração enterrado ao
Pé da gameleira que separa a mata da cidade.

Lá estão também os ossos dos meus antepassados
E se esta parede de cimento frio avançar despertará
As assombrações da mata e nenhuma pomba cortará
Os raios do céu em negror à procura do verde.

José Delmo



Saul Mendez

Mulher de hoje só quer saber de cidade, cidade grande ou pequena com jardim, cineminha, bar e praça, desde que ali circule o tal desse bichinho que aqui em cima anda em dois pés, esse bichinho que nunca se satisfaz com pouca nem muita coisa e que em tempo de comício gosta muito de agitar os braços pra terra, mar e céu, e ‘stá sempre prometendo, e com lorotas e bolodório, mentirada e presepada, ‘stá sempre engazopando o povaréu. E todas elas ‘stão de mente ativada, avivada e atiçada pro rapidismo da vida, pro progresso que feito encanto de mágico anda surgindo ligeiro na cidade pra tudo quanto é banda, o que hoje é menino engatinhando, noutro dia já amanhece maduroso, tudo isso num piscar de olho, tudo isso no momentinho exato de se prender um relâmpago numa garrafa. Elas sabem que no presente tudo muda de maneira disparada, só se vê casa puxando casa, pretume amaciando estrada, bueiro enfeitando o céu com fumaça, cimento e tijolo subindo pras nuvens mais alto que pau grande na mata, besouro de quatro rodas buzinando pra tudo quanto é parte. Ninguém, ninguém hoje toma mais sentido com essa correria azorretada, com o desmando incontrolável desses ares fumaçados desafiando a toda prova até fôlego de sete gatos.

Cyro de Mattos



Saul Mendez

97

CIDADE

Rua Jorge Amado - Ilhéus

Nasci em Itabuna, na rua da bananeira, naquele tempo – uma espécie de arruadozinho a dois ou três quilômetros de Itabuna propriamente dita – onde se instalavam pequenas bodegas de secos e molhados e as fascinantes rancharias, galpões toscos, cobertos de palha, nos quais pernoitavam os tropeiros que chegavam ou saíam da cidade à noite. Era lindo! Tropeiros e tropas faziam a festa desse lugarzinho tão rico de gente e coisas das quais nunca houve duplicata no mundo, muito embora a luz dos fífós, o cheiro de toucinho fritando para aquele arroz e feijão cujo gosto, quase que divino, jamais se repetirá, tivesse um jeito medieval, qualquer coisa do passado distante, ou de um mistério de paz que me chamava, ou me assanhava a fantasia. Os tropeiros eram meus heróis de infância - homens muito rústicos, rudes, pobres, de roupas encardidas e seus gibões de couro, mas que para mim eram os mais lindos, os mais fortes, e ao mesmo tempo os homens mais delicados do mundo. É tempão de maravilhas!... Não, eu nunca sonhei com fadas, ninguém me contava histórias da carochinha e eu não conheci Chapeuzinho Vermelho. Que delícia! O universo infantil de minhas fantasias nascia do mundo que me cercava – uma vida que tinha cor, cheiro, gosto, som e que vibrava entre meus dedos às vezes como uma flor, outras como o pêlo de um animal, ou ainda como o tronco de uma árvore que parecia me dizer coisas de luz, de lugares iluminados no fundo da terra...

Valdelice Pinheiro



Tropeiros - Santa Luzia

Perguntaram-me sobre Itabuna e o que disse me pareceu justo e certo. Itabuna – disse como numa crônica – é uma ilha porque rodovias a cercam por todos os lados. Todos os lados, eu disse. Menos um, que é o lado do Cachoeira, o rio. Lugar que não parou de crescer, no chão baiano do cacau, desde que Severino do Amor Divino, no começo do século passado, abriu o arruado no ventre da selva. E, se em vila não tardou a se tornar, em 1910 já era cidade de tanta fama que servia comércio aos grapiúnas que venciam as matas a fogo e a machado.[...] E por isso mesmo, porque caminho obrigatório dos brabos que chegaram para a conquista da selva e o plantio do cacau – sergipanos, alemães, sírios, polacos – tem folclore particular e tão cheio de heróis, e aventuras e guerras que até parece ter vindo do tempo medieval. Uma região só, naqueles idos. E quando se separou dos Ilhéus, virando capital do município com autonomia de padre e juiz, também a sua saga adquiriu independência de cultura e geografia.

Adonias Filho

*Vista aérea de
Itabuna*





Saul Mendez

O sol refulgia casas e sobrados. O arco-íris mergulhando naquele trecho fundo do rio, sete-cores reconhecidamente formosas e mágicas, trabalho perfeito da natureza a que meninos e gente adulta da cidade não se cansavam de admirar quando apareciam em tempo chuvoso ou estio. Homens velhos diziam que somente aquelas cores divinas sabiam onde estava escondido imenso tesouro num certo poço de águas encantadas e profundas. Possivelmente nas proximidades da grande ilha no meio do rio, onde morou um velho pastor de cabras com uma barba enorme arrastando nos pés, que tinha uma mala cheia de moedas de ouro trancada a sete cadeados, algumas reses magras e um cachorrão preto que vigiava os quatro cantos.

Cyro de Mattos





Saul Mendez



Avenida Beira Rio - Itabuna

No aniversário da cidade, como é de costume, eventos e solenidades oficiais acontecem. Alguns deles devem lembrar talvez o sergipano Félix Severino do Amor Divino. O primeiro homem que pisou este solo e, no lugar denominado Marimbeta, ergueu uma casa de taipa, plantando ali uma roça de cereais e cacau. O primeiro homem que recuou a mata hostil e impenetrável. A mata que respirava o dia como se fosse a noite, de tão fechada.

Falar do início da cidade é tocar em seu parto épico, tempo de solidão feita de suor e lágrima. Falar da morte na febre. Na picada. Na cangalha. No salto. Na rede. Na capanga. No galope. De véu e grinalda nas léguas tiranas. Tempo de uma flor que deu um fruto com a cor de ouro, brotando a esperança em qualquer parte. Falar do visgo desse fruto, que era forte, do homem que era ainda mais forte.

Desbravando a terra, penetrando, implantando e consolidando a lavra do cacau, o sergipano tem amanhecer fundamental na formação de uma saga feita de cobiça e morte. Quase cem anos depois, parece um sonho, a cidade lateja num corpo incessante de quase trezentos mil habitantes. Pulsando e se impulsionando com o trabalho de sua gente, escala o azul do céu com edifícios e repercute esse mistério que é o homem engastado no pasto da memória dentro dessa coisa a que se chama vida.

Cyro de Mattos





E, de repente, o avião se desviou da rota para o sul, e a cidade apareceu ante os olhos dos viajantes. Agora não voavam mais sobre o mar verde. Primeiro foram os coqueiros e depois o morro da Conquista. O piloto inclinava o avião e os passageiros que iam do lado esquerdo podiam ver, como num postal, a cidade de Ilhéus se movimentando. Descia as ruas pobres e ziguezagueantes pelo morro proletário, se estendia rica entre o rio e o mar em avenidas novas, cortadas na praia, continuava na Ilha do Pontal, em casas de jardins alegres, subia mais uma vez proletária pelo morro do Unhão, casas de zinco e madeira. Um passageiro contou oito navios no porto, fora os grandes veleiros e as inúmeras pequenas embarcações. O porto parecia maior que a própria cidade.

Jorge Amado

Progresso era a palavra que mais se ouvia em Ilhéus e Itabuna. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. [...] “É o progresso!” diziam-no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos.

Havia um ar de prosperidade em toda parte, um vertiginoso crescimento. Abriam-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construía-se casas, sobrados, palacetes[...].

A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracterizava no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de poeira, tiros enchendo de susto as noites intranquílias, mascates exibindo suas malas nas calçadas. Tudo isso acabava, a cidade esplendia em vitrinas coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios.

Jorge Amado



Saul Mendez

Palácio Paranaguá, sede da prefeitura - Ilhéus



Praia da avenida Soares Lopes - Ilhéus

A cidade era bonita, cheia de jardins abertos em flores, de boas casas onde residiam as famílias dos coronéis. Toda a parte junto ao oceano era residencial, cortada de avenidas largas, uma das quais acompanhava a curva do mar numa imitação da praia de Copacabana, do Rio de Janeiro. Ali se elevavam os palacetes dos coronéis mais ricos, sobrados faustosos e mobiliados com luxo, [...] sólidos e pesados, como que representando a solidez das fortunas desses homens que haviam conquistado a terra.

Jorge Amado

A cidade de Ilhéus vivia uma vida de trabalho, de lutas políticas e de lutas por dinheiro, nas suas ruas estreitas formigava uma multidão onde se viam diariamente caras novas. Houve um tempo em que todos se conheciam nessa cidade. Mas esse tempo vai distante, hoje só as pessoas mais importantes são conhecidas de todos. Os navios que chegam trazem gente nova, homens e mulheres que vêm em busca do ouro fácil que nasce nas árvores de cacau. Porque por todo o Brasil corre a fama da *Rainha do Sul*, fama que está mesclada com as antigas histórias de mortes e tiroteios e com as histórias modernas do cacau sendo a melhor lavoura do país.

Jorge Amado



Aline de Caldas



Boca da barra, baía de Pontal - Ilhéus

Os homens de Ilhéus, ali do Pontal e do Malhado, tinham apenas dois caminhos – dois caminhos e nada mais. Entravam matas adentro para o ventre das selvas ou saíam mar afora para os portos do mundo. Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africano, enquanto os caboclos de sangue índio escolhiam os sertões. O mar, assim começavam a andar, era o primeiro brinquedo.

Adonias Filho



Igreja de São Jorge - Ilhéus



Saul Mendez

Capela de Nossa Senhora da Vitória - Ilhéus



Convento Nossa Senhora da Piedade - Ilhéus

Em Ilhéus podia se medir a fortuna dos coronéis pelas casas que possuíam. Cada qual levantava uma casa melhor e aos poucos as famílias iam se acostumando a demorar mais na cidade que nas fazendas. Ainda assim as casas passavam fechadas grande parte do ano, habitadas somente por ocasião das festas de igreja. Era uma cidade sem diversões, apenas os homens tinham os cabarés e os botequins onde os ingleses da estrada de ferro matavam a sua melancolia bebendo uísque e jogando dados e onde os grapiúnas trocavam discussões e tiros. Às mulheres restavam como únicas diversões as visitas de família a família, os comentários sobre a vida alheia, o entusiasmo posto nas festas da igreja. Agora, com o início da construção do colégio das freiras, algumas senhoras se haviam organizado para conseguir fundos para as obras. E realizavam quermesses e bailes, onde faziam coletas. A igreja de São Jorge, padroeiro da terra, grande e baixa, sem beleza arquitetônica mas rica em ouro no seu interior, dominava uma praça onde se plantara um jardim. Existia também a igreja de São Sebastião, próxima ao cabaré, em frente ao mar. E no morro da Conquista estava na frente do cemitério a Capela de Nossa Senhora da Vitória, dominando a cidade desde o alto.

Jorge Amado



Saul Mendez

113

CIDADE

*Casa do Coronel Misael Tavares, atual sede da
Maçonaria - Ilhéus*



Dyala Ribeiro

Trabalho em metal - Goca Moreno - Ilbés



Espaço cultural Bataclan - Ilhéus

Cinco cabarés enchiam de ruídos as noites sem sono de Ilhéus. O Trianon, num primeiro andar próximo ao mar, era cabaré luxuoso, de jogatina desenfreada, onde quase só os coronéis e os exportadores tinham entrada, onde faziam ponto as rameiras mais caras, as francesas e as polacas chegadas do Rio de Janeiro, dispostas a ensinar os vícios mais refinados aos fazendeiros generosos. O Bataclan era mais democrático. É verdade que ainda ali predominavam os coronéis, lotando os salões de jogos. Era na rua do Unhão, diante do porto. [...] Era um antigo cabaré e foi o único a resistir à baixa, continuando sua vida através dos tempos.

Jorge Amado



Quarto de Maria Machado - Bataclan

CANTIGA

Tuas águas se encontram
Na mesma barra do mar,
Espumas do Cachoeira
Nas águas de Iemanjá.
Entre elas o Redentor,
Cristo plantado na pedra,
Pronto para abraçar,
Fitando o fim do horizonte,
Onde está a negra fonte
Das forças de Oxalá.

Teu Pontal, postal divino,
Rebordado em ponto cheio,
Do outro lado do mar,
Recordações dos coqueiros
Matados por traiçoeiros,
Lembranças de areias brancas,
Escondidas sob o cais,
Verrugas negras no mar.

Teu Morro de Pernambuco,
Eterno desafiar
As vagas enfurecidas
Que querem te rebentar,
Namorando Pedra de Ilhéus,
Um cuscuzeiro emborcado
Que nunca quis se casar.

Ruy Póvoas





Bar era bom negócio em Ilhéus, melhor só mesmo cabaré. Terra de muito movimento, de gente chegando atraída pela fama de riqueza, multidão de caixeiros-viajantes enchendo as ruas, muita gente de passagem, quantidade de negócios resolvidos nas mesas dos bares, o hábito de beber valentemente e o costume levado pelos ingleses, quando da construção da Estrada de Ferro, do aperitivo antes do almoço e do jantar, disputado no pôquer de dados, hábito que se estendera a toda a população masculina.

Antes do meio-dia e depois das cinco da tarde os bares superlotavam.

O bar Vesúvio era o mais antigo da cidade. Ocupava o andar térreo de um sobrado de esquina numa pequena e linda praça em frente ao mar, onde se erguia a igreja de São Sebastião. Na outra esquina, inaugurara-se recentemente o Cine- Teatro Ilhéus.[...] Mandou pintar, fazer novas mesas, cadeiras, trouxe tabuleiros de damas e gamão, vendeu o bilhar para um bar de Macuco, construiu um reservado nos fundos para o jogo de pôquer. Variado sortimento de bebidas, sorvete para as famílias na hora dos passeios à tarde pela nova avenida na praia e na saída dos cinemas, e, mais que tudo, os salgadinhos e os doces para as horas do aperitivo. Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim e milho.

Jorge Amado



Dyala Ribeiro

Bar Vesúvio - Ilhéus



Aline de Caldas

119

CIDADE

Catedral de São Sebastião - Ilhéus

A feira semanal era uma festa. Ruidosa e colorida. Um vasto descampado em frente ao ancoradouro, estendendo-se até as proximidades da estrada de ferro. Postas de carne-seca, de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. Sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranja. Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoadá, moqueca de peixe. Camponeses comiam, o copo de cachaça ao lado.

Jorge Amado

Tomate e Pimentão



Feira do Peixe - Ilhéus



Aline de Caldas



Barraca de carnes



Licores regionais

Argemiro colocava o menino na frente da sela e o levava a Pirangi nos dias de feira: uma festa, um deslumbramento. Entre os sacos de feijão e farinha, as mantas de jabá, as jacas, as abóboras, os cachos de bananas, as raízes de inhame e aipim, no meio do povo, homens e mulheres que possuíam a cor e o odor da terra, o menino ia aprendendo sem se dar conta. De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito.

Jorge Amado

Dalila sonhou com a avó e amanheceu com vontade de comer batetê. D. Jorgina fazia o melhor batetê do mundo. Ai, como tudo na vida se acaba, meu Deus... A noite não foi bem dormida: tinha brigado com Cecéu. Uma semana de mal. Após um café rápido, com mil pensamentos cortando a cabeça, saiu para comprar os temperos: tinha de comer batetê. Aquele seria um batetê caprichado: inhame ralado, sal, cebola, camarão pisado. Ah, sim: um dente de alho bem socado, o toque do mistério. Gengibre! Sim, gengibre! Ah, Cecéu! Ai, ai, meu Deus...

E aquele cheiro, hum!... Sabe Deus as noites varadas, nos jogos da cama. Agora estava ela ali, brigada, estômago sonhando, os olhos revirando na lembrança do batetê e do corpo de Cecéu. E o cheiro? Sim, o dendê... Batetê sem dendê?! Eta pele! Deus queimou a fórmula da tinta depois de pintar a pele de Cecéu. Nem orocum com dendê faz magia igual na praia, em dias de verão. Sim, a frigideira de barro, emborcada, faz tempos. Igual a ela: uma semana sem Cecéu... Também estava levando no capricho: há outras maneiras de se comer...

A caminho do mercado, encontrou Valda. Inevitável falar de Cecéu, do batetê, da noite de estrebuchos, o sonho com a avó. E como Valda gargalhou. Dalila estava picante na mistura dos gostos do corpo e da boca. Risadas soltas sem censura, chistes e frases de efeito, lá se foi cada uma para seu destino: Valda para a casa e Dalila para a cozinha da inventiva e da criatividade. A todo instante Dalila tropeçava em Cecéu: as prateleiras, os tabuleiros, o mercado. Gente pra lá e pra cá, Cecéu dançando no vaivém do pensamento. Olho aqui, mão ali, coração por aí.



Camarões secos



Aline de Caldas

Pimentas



Temperos regionais



Aline de Caldas

Azeite de dendê

Gengibre! Ela gengibre no ralo. Cecéu ralando por dentro, as mãos carnosas pra lá e pra cá. E aquele gosto de Cecéu? Camarão de água salgada, o melhor gosto do mundo, seco ao sol, catado, pilado. É assim que Cecéu sabe fazer... E o inhame: inhame-da-costa, melhor que o inhame-caiçara. Será que existe inhame-cecéu? Eta raiz carnuda! Descascar, ralar o inhame cru, a baba engrossando no ralo e logo, logo acrescentar os temperos. Aí é não ter pena dos braços, bater com colher de pau, até a massa ficar fofinha. Cecéu também é assim, ai, ai... Alho suculento, cebola bonita, tudo ralado, mistura no inhame e vai batendo, e vai batendo, e vai batendo. Ah, sim: o sal: coisa insossa não vale a pena. Aquele suor salgadinho que Cecéu tem. Ah, barriga salgada, macia, fofinha...

Bom; camarão já lá dentro... O que mais? Ah, sim: a flor do dendê. Aquela cor inconfundível do prazer. Prazer de ver, prazer de olhar, prazer de cheirar, prazer de comer. A pele de Cecéu tem dendê: escorregadia, lisinha, lisinha... A frigideira de barro, aquecida, a labareda média pra não queimar. Oh, coisa bonita, o azeite fervendo. E os bolinhos, ajeitados na colher, de um em um, borbulhando no azeite... Retira do fogo e deixa escorrer a gordura. Aí, entra-se no paraíso. É um nirvana completo: mãos, boca, beijos, língua...

A sacola arrumada em direção ao caixa. Ao levantar os olhos, quem está ali? Ele, batetê saído da frigideira fervente, Cecéu, trazido por Valda. Viva a amizade! Isso que é amiga. A agonia foi tanta que a sacola caiu da mão e as compras se esparramaram pelo chão. Gente sorrindo, gente catando e ela, ali, bolinho de inhame, fritando na frigideira. Ninguém falou, ninguém disse nada. Cecéu pegou outro litro de dendê, pagou a conta. Valda deu até-logo aos dois.

Agora, haveria um dia inteiro pra fazer e comer batetê.



Feijão fradinho e farinha



Aline de Caldas

Feira do Peixe - Ilhéus



Umbu



Abóbora e quiabo

Mestre Vitorino avisara:

- Vamos comer no Mercado. Mãe Filomena tem um caruru batizado.

Um povo ali, comprando e vendendo, no Mercado. Estreitos corredores internos, bifurcavam-se em labirinto, iguais todas as barracas daquele comércio. Cheiro de feira, mas abafado, enorme alarido. Queimava-se incenso, panos coloridos, imagens de santos. Pontos de macumba, em um ou outro canto, ao som do violão. Caúla via e escutava, entre Mestre Vitorino e o Baixinho, a pensar no tamanho do Mercado. E a multidão, indo e vindo, enchendo os corredores. Pregões, gritos, pragas. [...] Ferviam o caruru, o peixe de moqueca e o vatapá nas panelas de barro. Aguardente em bambu e coco, homens e mulheres bebiam com animação, rádios abertos. Mãe Filomena abriu os braços, vendo Mestre Vitorino, para recebê-lo com o riso largo.

Adonias Filho



Saul Mendez



Saul Mendez

Detalhe do peji de Oxóssi, Terreiro Axé Ilé Ijexá - Itabuna

Nos tempos da colônia, quando ainda não existia o cacau, São Jorge, trazido no oratório das caravelas pelos brancos, fora proclamado padroeiro da capitania. Montado em seu cavalo, a lança erguida, santo guerreiro, protetor na medida exata. No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porão dos navios negreiros, Oxóssi, dono da mata e dos animais, cavalgava um porco-espinho, um queixada gigantesco, um caititu. Fundiram-se o santo da Europa e o orixá da África numa divindade única a comandar o sol e a chuva, a receber as preces e as cantigas, as missas e os ebós: no andor da procissão, no altar-mor da catedral de Ilhéus ou na choça de pai Arolu, que nascera escravo e ali se acoitara para guardar a liberdade. No peji, lado a lado, arco-e-flecha, emblema Oxóssi trabalhado na bigorna por Castor Tição Abduim, e a estampa em cores vivas de São Jorge na lua esmagando o dragão, lembrança do árabe Fadul Abdala, homem temente a Deus nas horas de folga, quando o comércio permitia.

São Jorge, santo divino,
plantado em teu altar.
Oxóssi, de santo tino,
pronto para caçar.
Jorge Amado, branco fino,
nas letras, sempre a bradar.

Ruy Póvoas

Jorge Amado



Aline de Caldas



Altar da Catedral de São Jorge com imagem rara do santo, sem o cavalo - Ilhéus



Aline de Caldas

Marinalva virá dançando devagar, corpo meio curvado, balançando os ombros, sempre puxada pelo mokã. Circundará o barracão e voltará ao ilê axé. Voltará outra vez usando as cores de Oxum.

Agora a festa no salão. Eu, só. Marinalva está sendo despida das vestes brancas e assumirá o amarelo de seu santo. Cumprir-se-á o ritual.

Jorge Araujo

*Integrantes do Terreiro Ilê Axé
Ijexá - Itabuna*



Saul Mendez

Olhar de um velho pescador

Por baixo da cortina do arco-íris, a barra enfeitada de ondas e cores. Do porto das lanchas, os velhos vêm. Sobras e sombras de tudo, agora eterno passado. Nos olhos baços, indícios de cataratas, a íris dilatada. Lembranças do vaivém das ondas miradas de longe. Os mais-velhos começam a contar pausadamente os *itan* arquivados na memória. Palavra íntimas para dar vida ao que foi vivo um dia. Gostam de repetir o óbvio. De tão acostumado a ver o todo-dia, esse povo não enxerga o que não foi dito e avisado, eles dizem. As lembranças em alinhavos pespontados. Tudo é motivo para a deriva, é importante retardar o final da história. Para que pressa do fim, se ele já chaga com avisos soturnos de tremores nas mãos, embargo na voz, fraquezas nas pernas e dores na espinha? Há mil nomes para serem lembrados. A omissão de um deles será injustiça a quem faz tanta história.

Arco-íris no céu, retratos nos olhos, palavras ao vento. Somente os velhos escutam suas próprias histórias. Para que guardar o que se foi? O vento carrega, barra a fora, as lembranças dos velhos. Palavras em busca de páginas. Os velhos, porém, apenas sabem contar. Tempos passados, tempos vívidos, tempos lembrados nos tempos de agora. Cada velho é espelho onde outro velho mira a própria decomposição, ingrato desgaste da vida, todos sabem.

Na boca da barra, o jangadeiro, ainda menino, escuta o vento. E o vento sabe de cor os *itan* dos mais-velhos do Pontal, terra aberta por sauípeiros.

Eles estão lá, testemunhas do saber e do fazer. Velhos sabidos, sentados na murada do cais, na luta contra o esquecimento dos moços. Até parece que esta gente nunca vai envelhecer também, eles dizem. Sobre as ondas, o arco-íris ameaça se apagar, pois o sol vai se esconder. E os moços, na pressa da vida, não têm tempo para olhar, quanto mais para ouvir.

Ruy Póvoas

Pescadores, canoieiros e marinheiros os habitantes do Pontal.

O menino os conhecia tão bem quanto a árvore. Não precisava crescer mais, subindo quatro vezes sobre a casa, para que a jindiba visse os navios de muitas bandeiras ancorados nas pontes do porto. Homens de vários países, alguns louros e altos, que vinham para levar o cacau. Chegavam ao Pontal, saltavam as canoas, bêbados quase todos. E, em grupos, cantavam canções que não se entendia, de línguas desconhecidas, talvez de saudades e amores. Eram os gringos, marinheiros que lotavam na safra do cacau, vindos de alguns cantos do mundo. O menino via a fumaça dos navios e escutava os apitos de despedida. Rompiam o braço de mar, entre Ilhéus e o Pontal, aqueles cargueiros que sempre voltavam.

Adonias Filho



Aline de Caldas

Barcos de pesca na Baía do Pontal - Ilhéus

Sáira para o porto logo depois do almoço. Estava sozinho, esperando, admirado porque não vira ninguém. O sol batendo na cabeça.

Com pouco mais, principiaram a chegar as negras dos tabueiros, com amendoim torrado na feira, rolete de cana, cocada, açaá. Ficou se distraíndo, vendo os besouros e as canoas que traziam povo de Pontal. Um ganhador estava para um canto, suspirando na sombra, num sono assobiado. Junto ao paredão do armazém, carroceiros batiam boca, enquanto os animais mastigavam capim, a capanga pendurada ao pescoço.

De repente, começou juntar gente. Devia estar quase na hora - considerou. Tinha que esperar. Continuou na distração, vendo o carregamento de cacau nas alvarengas. Dois homens, na beira do porto, conversavam. Chegou-se para perto, abriu os ouvidos. Um deles disse:

- Esse porto quase não dá para um Ita, que dirá para um vapor estrangeiro. Já foi o tempo que os suecos atracavam. Hoje, essa pinóia tem mais areia no fundo do que juízo na cabeça do Governo. Duvido muito que passe na barra...

Jorge Medauar



Aline de Caldas

Antigo Porto de Ilhéus



Saul Mendez

Barra de Ilhéus

Barra difícil e perigosa, aquela de Ilhéus, apertada entre o morro do Unhão na cidade e o morro de Pernambuco, numa ilha ao lado do Pontal. Canal estreito e pouco profundo, de areia movendo-se continuamente, a cada maré. Era freqüente o encalhe de navios, por vezes demoravam um dia para libertar-se. Os grandes paquetes não se atreviam a cruzar a barra assustadora, apesar do magnífico ancoradouro de Ilhéus.

Os apitos continuavam angustiosos, pessoas vindas para esperar o navio começavam a tomar o caminho da rua do Unhão para ver o que se passava na barra.

- Vamos até lá?

- Isso é revoltante - dizia o Doutor enquanto o grupo caminhava pela rua sem calçamento, contornando o morro. - Ilhéus produz uma grande parte do cacau que se consome no mundo, tem um porto de primeira, e, no entanto, a renda da exportação do cacau fica é na cidade da Bahia. Tudo por causa dessa maldita barra...

Jorge Amado

Aquele vento forte que sopra do Leste e forma na perigosa barra de Ilhéus vagalhões espumejantes [...] Ali, na Praia da Concha, já haviam encalhado o cargueiro sueco *Ligúria* e o norueguês *Bencas*. Todo cuidado era pouco.

Hélio Pólvora

- Essa história da barra tem dado o que falar. É capaz de eleger o senhor. Andei estudando o assunto e vou lhe dizer uma coisa. A verdadeira solução é o porto do Malhado, não é abrir a barra. O que vai resolver é a construção de um novo porto em Ilhéus, no Malhado.

Se esperava que Mundinho discutisse, enganou-se:

- Sei disso perfeitamente. A solução definitiva é o porto do Malhado. Mas o senhor acha que o governo está disposto a construí-lo? E quantos anos calcula que se levará para inaugurá-lo depois que a construção começar? O porto no Malhado vai ser uma batalha dura, coronel. E, enquanto isso, o cacau deve continuar a sair pela Bahia? Quem paga o transporte? Nós, exportadores, e os senhores, fazendeiros. Não pense que vejo a melhoria da barra como solução. Os que me combatem, argumentam com o porto, mal sabem que penso como eles. Apenas, é melhor ter a barra praticável, enquanto não se tem o porto vamos começar a exportação direta. Mas, apenas terminem os trabalhos da barra, começarei a lutar pelo porto.

Jorge Amado



Saul Mendez

Porto do Malhado, construído em mar aberto - Ilhéus





Veraneio era o tempo em que saíamos de Itabuna para Ilhéus, do início de dezembro até as águas de março.

Desde meus 2 anos de idade que íamos para lá e conosco Vó. Era a época que ela se sentia mais feliz com a natureza. Na porta, de frente para o mar, ela passava as tardes escruvinhando os céus, olhando para tudo e para todos. Para lá ia também Vovó Lelé, para sua casinha com fruta pão na porta, com filhos e netos. Era a grande amiga que amava à distância e que podia encontrar no veraneio. Juntas falavam de sóis e de luas como quem fala de feijão e arroz.

Ela às vezes sonhava com Ilhéus, mas a travessia a amedrontava: tinha de ser de canoa, lancha ou nos valentes besouros. O mar a amedrontava e ela, recatada, limitava-se a adivinhar.

Ritinha Dantas

*Avenida Lomanto Júnior,
Pontal - Ilhéus*



Estuário do Pontal - Ilhéus

Os botos fazem do estuário de Ilhéus a sua piscina. Exibem-se para quem tiver olhos, para os que ainda se agarram à natureza a fim de não soçobrar de vez. Os alegres botos saltadores parecem entender essa necessidade nossa de uma abertura lírica para o mundo, nem que seja uma fresta no muro de pedras. E nos devolvem a simpatia e empatia, e se dispõem sem remuneração a espantar o nosso tédio. Nisso diferem dos golfinhos amestrados de Miami, os golfinhos que saltam e dão cabriolas ao ritmo do dólar.

Havia sol, havia cerveja, havia sorvetes de frutas tropicais, havia moças nas ruas e janelas – e no estuário os botos singravam ao lado das canoas a vapor, que eram os *besouros* rumo às areias do Pontal e aos mistérios do Morro de Pernambuco.

Hélio Pólvora



Vista da Sapetinga para o estuário - Ilhéus



*Praia de Olivença
Igreja de Nossa Senhora da Escada, construída
pelos jesuítas - Olivença, Ilhéus*





Aline de Caldas



Aline de Caldas

TARDE (EM OLIVENÇA)

a água deve estar quente
o sol ardeu o dia todo:
piscinas escuras de pedras
se saciam no fundo da areia

quase milhares de formas
se assemelham em sua redondez
ondas alvas e provocantes
sabem a hora certa do orgasmo

nada há que atrapalhe a cena
tudo é parte e a alma
verdes palhas dançarinas
fazem soar os acordes necessários

corre a tarde no seu passo enigmático
a brisa se enfurece e rugue
o céu sussurrando se desfaz em sonho
os seres amam, como lhes é dado

a tarde,
santa e imaculada
soa nos sinais da capela
o padre benze a verdade
a boa vontade

Jane Kátia Mendonça



Saul Mendez

Centro histórico Paulo Souto - Canavieiras



Saul Mendez

Coreto - Canavieiras



Saul Mendez

Vista para o rio Pardo - Canavieiras



ML Netto Simões

Cais do porto - Canavieiras

CANAVIEIRAS

Longínquo verde do bugre,
longínquo verde do mar,
longínquo verde do madeiro,

longínquo verde das canas dos Vieiras,
longínquo verde dos casarões solenes,
longínquo verde do primiro cacauero,
longínquo verde no musgo da parede.

Cyro de Mattos



ML Netto Simões

Centro histórico - Canavieiras



ML Netto Simões

Catedral de São Boaventura - Canavieiras





Saul Mendez

Eu vim
de noites úmidas,
quando as sementes
fecundavam
o corpo virgem
da mata.
Eu vim
da branca paisagem
de pequenas flores
germinando ouro
no ventre
dos cacauais.
E acordei na manhã
dos deuses,
no mundo
do chocolate.

Valdelice Pinheiro

Referências

Abel Pereira

Abel Pereira nasceu no povoado Banco do Pedro, em 28 de dezembro de 1908. Foi co-fundador da Academia de Letras de Ilhéus, em 1959, seu primeiro presidente e titular da cadeira nº 14. Tem publicados *Colbeita* (1957), *Poesia até ontem* (1977), *Mármore Partido e Haicais Luminosos* (1989). Foi colaborador dos jornais A Tarde, de Salvador, Diário da Tarde, de Ilhéus, O Intransigente, de Itabuna e da revista Leitura, no Rio de Janeiro. Sua poesia, em haicais, retrata a beleza, o pensamento filosófico, harmônico e elevado. Faleceu no dia 21 de maio de 2006, no Rio de Janeiro, aos 97 anos.

Adonias Filho

Adonias Aguiar Filho nasceu em Itajuípe a 27 de novembro de 1915. Filho de fazendeiros, estudou em sua terra natal e em Salvador. Em 1936, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi colaborador dos jornais *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Letras*, atuando sobretudo como crítico literário. Foi diretor do Instituto Nacional do Livro (1954-1955), do Serviço Nacional de Teatro (1954 e 1956), da Biblioteca Nacional (1961) e da Agência Nacional (1964). Publicou, dentre os mais conhecidos, os romances *Os servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo vivo* (1962), *O forte* (1965); e o ensaio literário *Modernos ficcionistas brasileiros* (1958). Traduziu William Faulkner, Virginia Woolf e Graham Greene, dentre outros autores. Em 1964, foi eleito para a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras. Em 1972, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Imprensa. Adonias Filho faleceu em agosto de 1990.

Cyro de Mattos

Nasceu em Itabuna, a 31 de janeiro de 1939. Advogado e jornalista, é autor de 16 livros, dentre eles, *Vinte Poemas do Rio* (2001), *Cantiga Grapiúna* (1981). Tem contos publicados em Portugal, Alemanha, Suíça, Dinamarca e Rússia. Com o livro *Os Brabos* (1979) conquistou o Prêmio Nacional de Contos Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras e com o livro *Os Recuados* (1987), conquistou o Prêmio Leda Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras e Menção Honrosa do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Vive em Itabuna.

Clodomir Xavier de Oliveira

Nasceu em Itacaré, a 16 de maio de 1910. Professor de desenho, educação e expressão, compositor, poeta, autor teatral, artista plástico, charadista, encadernador de livro e cacauicultor. Foi presidente da Associação Rural e do Sindicato Rural de Ubaitaba. Fundador e presidente, por seis períodos, do Conselho Nacional dos Produtores de Cacau - CNPC. Escrivão de paz por duas vezes, agrimensor prático, colaborador de periódicos da região e da capital. Foi vereador e prefeito de Ubaitaba, diretor de ginásio, fundador e presidente da Companhia Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC), na cidade de Ubaitaba. Ocupou a cadeira número 15 da Academia de Letras de Ilhéus. Publicou *Estórias de Ubaitaba* (1977) e *Pulu* (1981). Faleceu em julho de 1995.

Euclides Neto

Nasceu a 11 de novembro de 1925, em Jenipapo, interior da Bahia. Cresceu em Teszouras, município de Rio Novo, atualmente Ipiaú. Formado em Direito, foi eleito prefeito de Ipiaú. Comunista, criou a “Fazenda do Povo”, primeira experiência socialista de distribuição de terras no Estado. Foi secretário da Agricultura do Estado da Bahia. Dentre os textos de maior destaque estão *64: um prefeito, a revolução e os jumentos* (1983), *A enxada* (1996), *Dicionareco das roças de cacau e arredores* (2002), e *O tempo é chegado* (2001), esse último, póstumo. Faleceu em abril de 2000.

Genny Xavier

Nasceu a 17 de agosto de 1962, na cidade de Caetité. Formada em Letras pela Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI. Também atua como atriz e diretora de teatro. Publicou *Poemas* (1981) e *Gaiola aberta* (1984), artesanal, em parceria com Nonato Teles. Trabalha como professora de Literatura e Arte-Educação e coordena o Projeto Memória Cultural do Município de Itabuna, onde vive atualmente.

Hélio Pólvora

Nasceu a 2 de outubro de 1928, em Itabuna. Atuou como jornalista no Rio de Janeiro, além de escrever contos, crônicas, crítica literária e ser tradutor. Foi presidente da Fundação Cultural de Ilhéus. Dentre seus títulos de destaque estão *O grito da perdiz* (1983), ganhador do prêmio Nestlé, *Mar de Azov* (1986) e *Crônicas da Capitania: vivências e acontecimentos das terras do sem fim* (2000), *Itinerários do conto: Interfaces críticas da moderna short story* (2002). Atualmente vive em Salvador.

Jane Kátia Mendonça Badaró

Nasceu em Ilhéus, em 10 de setembro de 1955. Atuou como jornalista e professora. Dirigiu a agência de propaganda ECO (Ilhéus). Ocupou sucessivos cargos na diretoria da SACI – Sociedade Ilheense de Cultura, que ajudou a fundar. Foi pró-reitora de extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz durante o período de 1996 a 1998. Publicou *Viagem no escuro e outras brincadeiras* (1985). É professora assistente da UESC e doutoranda pela Universidade de La Rochele, na França.

Jorge Araujo

Jorge de Souza Araujo nasceu a 7 de janeiro de 1947, em Baixa Grande, Bahia. Licenciado em Letras pela antiga Faculdade de Filosofia de Itabuna, é mestre e doutor em Letras pela UFRJ. Atuou em rádio, teatro e imprensa. Colabora com o suplemento *A Tarde Cultural*. Publicou a tese *Perfil do leitor colonial* (1999), o *Auto do descobrimento* (1997), *Essa esquiva e dilacerada fauna* (2002), *Pegadas na praia* (2003), entre outros. Atualmente vive em Ilhéus.

Jorge Amado

Nasceu a 10 de agosto de 1912, no distrito de Ferradas, município de Itabuna. Formou-se em Direito em 1935, pela Faculdade Nacional de Direito. Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942. Em 1945, foi eleito membro da Assembléia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro, tendo sido Deputado Federal. Foi eleito, em abril de 1961, para a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras. Doutor *Honoris Causa* por dez universidades - Brasil, Itália, Israel, França e Portugal. Seus 32 títulos foram traduzidos em 55 países, para 49 idiomas, existindo também exemplares em braile. Sua obra foi adaptada para cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de escolas de samba por todo o Brasil. Faleceu em agosto de 2001.

José Delmo

Nasceu em Buerarema, a 2 de abril de 1953. Licenciado em desenho e artes plásticas pela Universidade Federal da Bahia. Tem experiência em fotografia, teatro, e cinema. Em parceria com Ramon Vane, fundou o jornal *Voa Macuco* e organizou nove Feiras de Arte em Buerarema. Premiado com o 1º lugar nos I e II *Salões de Artes Plásticas da Região Cacaueira* na categoria pintura média. Publicou *Frutos do Tempo* (Poemas), *Cacau Verde* (teatro) em 1985. É ator e integrante do Grupo de Arte Macuco, pelo qual encenou, entre outras, a peça *Deus e o Diabo na Terra Brasilis*. Vive em Itabuna.

Jorge Medauar

Jorge Medauar nasceu a 15 de abril de 1918, em Uruçuca, antes denominada Água Preta. Poeta, escritor, jornalista, publicitário, fundador, diretor e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing, no Rio de Janeiro. É membro da Academia de Letras de Ilhéus, diretor do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, antigo membro do Conselho Estadual da Cultura. Entre seus títulos publicados estão *Jorge Medauar conta estórias de Água Preta* (1975), *A procissão e os porcos* (1960) e *No dia em que os peixes pescaram os homens* (1978). Faleceu em junho de 2003.

Ramón Vane

Nasceu a 17 de janeiro de 1959, em Buerarema. É formado em Direito pela Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna. Atua como artista plástico e ator. Participou do vídeo *Memórias do teatrinho* (2004) narrando da saga do Teatrinho ABC, patrimônio material da cidade de Itabuna, até a época de sua demolição. Em parceria com José Delmo, fundou o jornal *Voa Macuco* e organizou nove Feiras de Arte em Buerarema. Tem publicado *Livro de Folhas Soltas - 1* (1983) e *Pé no chão e flores de verão* (2002). Atualmente vive em Itabuna.

Ritinha Dantas

Nasceu em Itabuna a 14 de maio de 1939. Formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia, foi professora da FESPI nas disciplinas Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Filologia Românica. Pós-graduada em Filosofia com ênfase em educação de comunidades pela Universidade de Londres, Ritinha Dantas é consultora IEC da UNESCO na área de linguagem voltada para a saúde. Em 2001 criou a Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania – FICC, com políticas e objetivos para definir os rumos da cultura local como cidadania e desenvolvimento econômico. Publicou *Bença, Vó!* (1985) e tem inéditos *Rupturas* e *Celas do imaginário*. Atualmente vive em Salvador.

Ruy Póvoas

Nasceu em Ilhéus, a 19 de maio de 1943. Graduado em Letras pela antiga Faculdade de Filosofia de Itabuna, é mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi diretor da Faculdade de Filosofia de Itabuna em duas gestões consecutivas. Professor titular de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz, atualmente, coordena o *Kãwé*, Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais da UESC. Autor de *Itan dos Mais Velhos* (1996), *A fala do santo* (2002) e *Verso e reverso* (2004), entre outros. É babalorixá do terreiro de Candomblé *Ilê Axé Ijexá*, em Itabuna, onde vive.

Sosígenes Costa

Nasceu em Belmonte, em 1901. Foi colaborador do Diário da Tarde. Em 1928, tornou-se membro da Academia dos Rebeldes, com Pinheiro Viegas, Jorge Amado, Edison Carneiro e Dias da Costa. Foi secretário da Associação Comercial de Ilhéus e telegrafista do Departamento de Correios e Telégrafos, em Ilhéus. Em 1959 ocorreu a publicação de seu livro *Obra Poética*, pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia, em 1960. Entre 1978 e 1979 foi publicada a segunda edição, revista e ampliada desse título e a publicação póstuma de *Iararana*, por iniciativa de José Paulo Paes. Faleceu em novembro de 1968.

Telmo Padilha

Nasceu em Itabuna, a 5 de maio de 1930. Atuou como jornalista e membro da Academia de Letras de Ilhéus. Dentre suas publicações estão *Girassol do Espanto* (1956), *Onde tombam os pássaros* (1974), *Pássaro da Noite* (1977), *O Rio* (1977), *Vôo Absoluto* (1977), *Punhal no Escuro* (1980) e *Noite contra Noite* (1980), Canto de Amor e Ódio a Itabuna (edição póstuma). Recebeu prêmios como *Melhores Livros*, da Câmara Municipal de Itabuna (1956), *1º Concurso de Poesia - A Tarde*, *Prêmio Nacional de Poesia do Instituto Nacional do Livro* (1975), *Prêmio do Concurso Internacional de Poesia San Rocco*, Itália (1976), entre outros. Faleceu em julho de 1997.

Valdelice Soares Pinheiro

Nasceu em Itabuna, a 24 de janeiro de 1929. Filha de prestigiada família de desbravadores, estudou o primário em Ilhéus, em colégios como Nossa Senhora da Piedade e Colégio Municipal de Ilhéus. Licenciou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Foi diretora da Faculdade de Filosofia de Itabuna (antiga FAFI) e lecionou Estética e Ontologia na Universidade Estadual Santa Cruz. Publicou *Pacto* (1977), *De dentro de mim* (1961). Postumamente foi publicado o livro *Expressão poética de Valdelice Pinheiro* (Simões, 2002) que reúne inéditos da poetisa. Faleceu em agosto de 1993.

REFERÊNCIAS DOS AUTORES ANTOLOGIADOS

Autor	P. da antologia	Referência
Abel Pereira	89	PEREIRA, Abel. Poemas à beira do cais. In: MATTOS, Cyro de. (org). Ilhéus de poetas e prosadores . Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1998. p. 15.
Adonias Filho	31	ADONIAS FILHO. Corpo vivo . 27. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 45.
Adonias Filho	100	ADONIAS FILHO. Um burgo de penetração. In: MATTOS, Cyro de. (org). Itabuna, chão de minhas raízes . Oficina do livro: Salvador, 1996. p. 16-17.
Adonias Filho	34, 45,	ADONIAS FILHO. Légua da promessa . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 125-126, 84, 83.
Adonias Filho	46, 111, 125, 130	ADONIAS FILHO. Luanda Beira Bahia . 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 12, 14, 19, 73-74.
Cyro de Mattos	54	MATTOS, Cyro de. Cantiga grapiúna . São Paulo: Edições GRD, 1981. p. 28.
Cyro de Mattos	141	MATTOS, Cyro de. Cancioneiro do cacau . Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 91.
Cyro de Mattos	82	MATTOS, Cyro de. De cacau e água . Salvador: Macunaíma, 2003. p. 41.
Cyro de Mattos	85, 96 , 102	MATTOS, Cyro de. Os brabos . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 87, 57-58, 41
Cyro de Mattos	73, 105	MATTOS, Cyro de. O mar na rua Chile e outras crônicas . Ilhéus: Editus, 1999. p. 56, 49-50.
Cyro de Mattos	77, 81	MATTOS, Cyro de. Vinte poemas do rio . Ilhéus: Editus, 2001. p. 40, 52.
Clodomir Oliveira	35, 63	OLIVEIRA, Clodomir Xavier de. Pulu . São Paulo: Edições GRD, 1981. p. 86, 29.
Euclides Neto	53	NETO, Euclides. 64: um prefeito, a revolução e os jumentos . Coleção Kapital: Salvador, 1983. p. 92-97.
Genny Xavier	52	XAVIER, Genny. Poemas . Itabuna: CDC, 1981. s.p.

Autor	P. da antologia	Referência
Hélio Pólvora	72, 78, 79, 132, 136	PÓLVORA, Hélio. Crônicas da capitania : vivências & imagens & acontecimentos das terras do sem fim. São Paulo: Legnar, 2000. p. 91, 34, 90-91, 110-111, 124, 25.
Hélio Pólvora	39	PÓLVORA, Hélio. Menina sem Nome. In: NETO, Euclides (org.). Novos contos da região cacauzeira . Brasília-Itabuna: Horizonte, 1987. p. 80.
Hélio Pólvora	25	PÓLVORA, Hélio. O grito da perdiz . São Paulo: Difel, 1983. p. 16.
Hélio Pólvora	84, 86	PÓLVORA, Hélio. Mar de Azóv . São Paulo: Melhoramentos, 1986. p. 9, 12.
Jane Kátia Voisin	139	VOISIN, Jane Kátia Mendonça Badaró. Tarde (<i>em Olivença</i>) In: MATTOS, Cyro de. (org). Ilhéus de poetas e prosadores . Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1998. p. 25.
Jane Kátia Voisin	91	VOISIN, Jane Kátia Mendonça Badaró. Sonho molhado. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org.). Poetas novos da região cacauzeira . Brasília: Horizonte, 1987. p. 59.
Jorge Amado	28, 48, 51, 55, 56, 62	AMADO, Jorge. Cacau . Rio de Janeiro: Record, 1976. p. 646-6, 686-9, 66, 49-50, 67.
Jorge Amado	50, 108, 118, 120, 132, 133	AMADO, Jorge. Gabriela cravo e canela : crônica de uma cidade do interior. 51. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975. p. 183, 69, 61, 42, 355-356, 20-21.
Jorge Amado	37, 121	AMADO, Jorge. O menino grapiúna . 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 88-89, 50-51.
Jorge Amado	36, 40, 48, 57, 107, 109, 110, 115	AMADO, Jorge. São Jorge dos Ilhéus . 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 75, 124-125, 104, 159, 4, 58, 65, 193.
Jorge Amado	44, 29, 30, 112	AMADO, Jorge. Terras do sem fim . 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 13, 38, 40-41, 198-199.
Jorge Amado	26, 126	AMADO, Jorge. Tocaia grande : a face obscura. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.10, 213, 61.
Jorge Araújo	128	ARAÚJO, Jorge de Souza. Essa esquiva e dilacerada fauna . Ilhéus: Letra Impressa, 2002. p. 17.
Jorge Araujo	93	ARAÚJO, Jorge de Souza. Para cantar uma cidade . Inédito.

Autor	P. da antologia	Referência
Jorge Araujo	67	ARAUJO, Jorge de Souza. Os becos do homem . Rio de Janeiro: Antares/INL, 1982.
José Delmo	95	DELMO, José. Confissão de um índio. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org.). Poetas novos da região cacauceira . Brasília: Horizonte, 1987. p. 168-169.
José Delmo	32	DELMO, José. Inventário da consciência . Buerarema: GAMBA, 1995. p. 6.
Jorge Medauar	131	MEDAUAR, Jorge. O Apito. In: MATTOS, Cyro de (org). O conto em vinte e cinco baianos . Ilhéus: Editus, 2000. p. 166.
Pero de Magalhães Gandavo	71	GANDAVO, Pero de Magalhães. História da Província de Santa Cruz . Lisboa: Oficina de Antonio Gonzalvez, 1576.
Ramón Vane	58	VANE, Ramon. Pé no chão e flores de verão . Itabuna: Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania, 2002. p. 64-65.
Ritinha Dantas	38, 47, 61, 78, 135	DANTAS, Ritinha. Bença, Vó! São Paulo: Edições GRD, 1985. p.41, 75, 64, 6, 48-49.
Ruy Póvoas	89	PÓVOAS, Ruy do Carmo. A fala do santo . Ilhéus: Editus, 2002. p. 135-136.
Ruy Póvoas	126	PÓVOAS, Ruy do Carmo. VersoReverso . Ilhéus: Editus, 2003 p. 32.
Ruy Póvoas	129	PÓVOAS, Ruy do Carmo. Itan dos mais-velhos . Salvador: BDA-BAHIA, 1996. p. 11-12.
Ruy Póvoas	122, 123	PÓVOAS, Ruy do Carmo. O batetê. Jornal A Tarde . Salvador, mai. 2000. Caderno A Tarde Cultural, p. 3.
Ruy Póvoas	116	PÓVOAS, Ruy do Carmo. Versoreverso . Ilhéus, BA: Editus, 2003. p. 71, 65-67.
Sosígenes Costa	43 , 64, 75	COSTA, Sosígenes. Poesia completa . Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 2001. p. 261-262, 469-171.
Telmo Padilha	76	PADILHA, Telmo. O rio . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 32-41.
Valdelice Pinheiro	98, 143	PINHEIRO, Valdelice. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. (org.) Expressão poética de Valdelice Pinheiro . Ilhéus, Editus, 2002. p. 47.
Valdelice Pinheiro	80	PINHEIRO, Valdelice. Rio Cachoeira. In: MATTOS, Cyro de. (org). Itabuna, chão de minhas raízes . Salvador: Oficina do Livro, 1996. p. 73.

2003

SILVA, Dyala Ribeiro da; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Espaços Urbanos e Trânsitos em Gabriela, Cravo e Canela de Jorge Amado**, apresentado no VII Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Ilhéus: ENTBL/UESC, 2003. Publicado em *CD-ROM*.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **O Ontem e o Hoje do Porto de Ilhéus em Registros Fotográficos: da Visão Literária ao Turismo**, apresentado no VII Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Ilhéus: ENTBL/UESC, 2003. Publicado em *CD-ROM*.

SILVA, Dyala Ribeiro da; SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Gabriela, Cravo e Canela e os apelos para o turismo: um olhar sobre o Vesúvio**, apresentado no IX Seminário de Iniciação Científica da UESC. Jul/2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Diversidade Cultural e desenvolvimento sustentável** - A Literatura no âmbito da comunidade de países de Língua Portuguesa, apresentado no II Congresso Virtual Naya 2003 - Turismo Cultural.- Argentina. Disponibilizado: www.naya.org.ar/eventos, publicado em *CD-ROM*.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Geografias Literárias e Culturais face ao Turismo**, apresentado no Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro da ABRALIC 2003, em Porto Alegre.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Literatura e o Turismo no âmbito dos países de Língua Portuguesa. **Quinto Império** - Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Salvador: v. 1, p. 25 - 34, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. O intelectual e o turismo: um exemplo sul-baiano. **Turismo & Desenvolvimento**. Campinas, São Paulo: v. 2, p. 79 - 84, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. La civilización en las Tierras de Jorge Amado. Argentina, 2003. Disponibilizado em www.jorgeamado.com.ar

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De Leitor a Turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Belo Horizonte: v. 06, p. 177 - 183, 2002. Revisto e disponibilizado em www.uesc.br/icer, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Literatura face a Cultura e o Turismo no âmbito dos países da América Latina e do Caribe. **XI Congresso da FIEALC/ 2003**. National Museum Of Ethnology/Osaka. University Osaka, Japón 24 a 27 de Setembro. Publicado em *CD-ROM*.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Cultura como base de desenvolvimento e turismo. **7 Encontro Nacional de Turismo de base local**. Representante institucional em mesa redonda. Ilhéus: 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Políticas Culturais no Estado da Bahia. **A Tarde**. Salvador, v.2, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto; LIMA, Renata Farias Smith. (M). Documentário audiovisual como interpretação do patrimônio – um estudo de caso. **7 Encontro Nacional de Turismo de base local**. Ilhéus: 2003.

2004

COSTA, Aline de Caldas; DA SILVA, Dyala Ribeiro; SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Fazendas de cacau na ficção amadiana: registros fotográficos e interesse turístico, apresentado no **IX Congresso Internacional da ABRALIC**. Porto Alegre: ABRALIC, 2004.

COSTA, Aline de Caldas; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Bens Simbólicos Identitários da Ilhéus de Jorge Amado: da Literatura ao Turismo, apresentado no **VII Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários**. Feira de Santana: UEFS, 2004.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Representação da Identidade Cultural através de Registros Fotográficos – da Literatura à imagem, apresentado no **VII Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários**. Feira de Santana: UEFS, 2004.

COSTA, Aline de Caldas; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A internet como ferramenta de divulgação da literatura e da cultura para o desenvolvimento do turismo na região cacauceira, apresentado no **X Seminário de Iniciação Científica da UESC**. Ilhéus: UESC, 2004.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. As Várias Faces do Rio Cachoeira: Olhares da Literatura Sul-baiana e Registros Fotográficos, apresentado no **X Seminário de Iniciação Científica da UESC**. Ilhéus: UESC, 2004.

COSTA, Aline de Caldas; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura e Turismo: imaginário amadiano das fazendas de cacau sul-baianas, apresentado no **IV Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia – Naya**. Argentina: Ciudad virtual de Antropologia e Arqueologia, 2004. Disponibilizado no endereço: http://www.naya.org.ar/congreso2004/ponencias/aline_de_caldas.doc.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura, cultura e turismo: trânsitos disciplinares, apresentado no **XIX ENANPOLL**. UFAL, Maceió. Jun/Jul/2004.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura e trânsitos turísticos: interfaces de culturas em Travessia. **ABRALIC**. UFRGSul, Porto Alegre. Jul/2004.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura, cultura e turismo: consumo e cidadania. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Nº. 37. Junho de 2004. ISSN:1519.6186 . Disponibilizado in www.espacoacademico.com.br

COSTA, Aline de Caldas; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Literatura e Internet:** fazendas de cacau e interesse turístico. Disponibilizado no endereço www.uesc.br/icer/sitefazenda/index.htm.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **O Ontem e o Hoje do Porto de Ilhéus em Registros Fotográficos:** da Visão Literária ao Turismo. Disponibilizado no endereço <http://geocities.yahoo.com.br/ddsaul2000>.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **As várias faces do rio Cachoeira.** Disponibilizado no endereço www.uesc.br/icer/sitetrabalho/index.htm.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1980.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. As conseqüências da estética da recepção: um início postergado. In: ROCHA, J. C. de Castro (Org.). **Corpo e forma – ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 23 - 46.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário - perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária**. Campinas: Papyrus, 1996.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De Leitor a Turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 6. Belo Horizonte: ABRALIC, 2002. p. 177 - 183

_____. A literatura da Região Cacaueira baiana: questão identitária. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. Ilhéus: Editus, 1998. p. 119 - 128.

